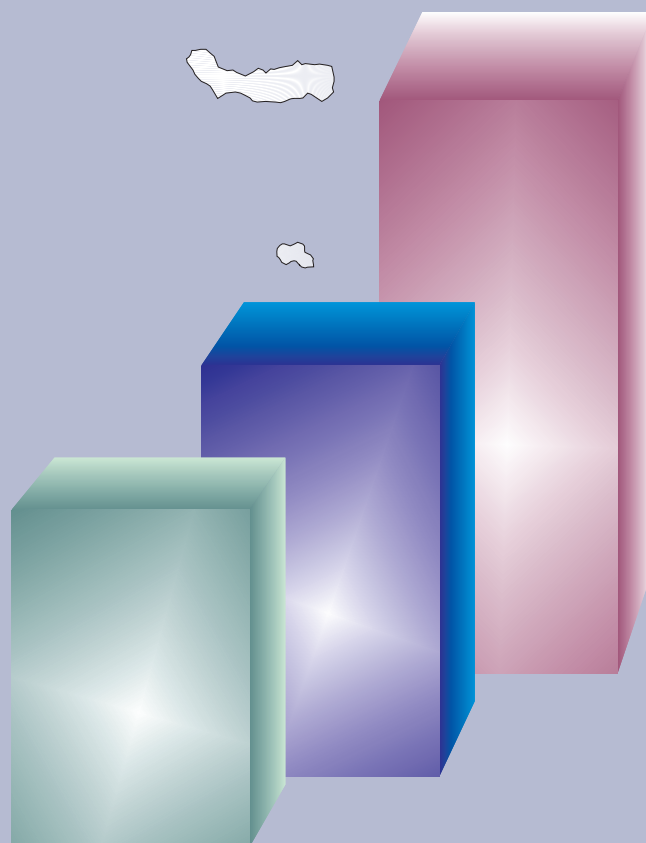
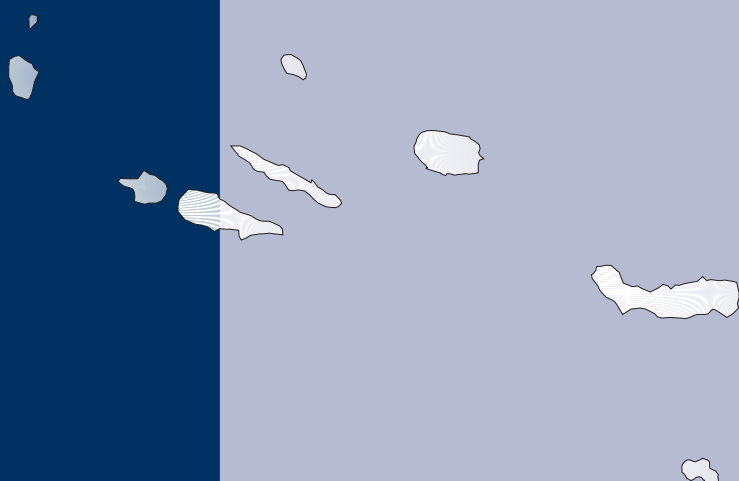




REGIÃO AUTÓNOMA DOS AÇORES  
Vice-Presidência do Governo  
Direção Regional do Planeamento e Fundos Estruturais

# Situação Socioeconómica 2009



Novembro

14/2010



## ÍNDICE

	Pág.
Introdução.....	5
0. Contas Regionais .....	7
1. População.....	11
2. Mercado de Trabalho .....	17
3. Preços no Consumidor .....	23
4. Moeda e Crédito .....	25
5. Finanças Públicas.....	29
6. Agricultura .....	33
7. Pescas .....	39
8. Energia .....	43
9. Comércio com o Estrangeiro .....	47
10. Turismo.....	49
11. Transportes .....	53
12. Educação.....	57
13. Desporto .....	61
14. Cultura .....	63
15. Saúde .....	65
16. Segurança Social .....	69
17. Sociedade da Informação .....	73



## INTRODUÇÃO

O Presente documento visa proporcionar uma panorâmica da realidade económica e social da Região Autónoma dos Açores.

Para o efeito apresenta-se informação quantificada relevante e disponível e, sempre que possível, a análise da evolução recente dos diversos domínios e sectores tratados.

Esta publicação está disponível no site:

[www.azores.gov.pt/Portal/pt/entidades/vp-drpfe/](http://www.azores.gov.pt/Portal/pt/entidades/vp-drpfe/)

DRPFE, Novembro de 2010



## 0. CONTAS REGIONAIS

Durante a elaboração do presente documento, o Instituto Nacional de Estatística (INE) divulgou uma nova série de Contas Regionais, consistente com a nova base das Contas Nacionais anuais (2006). Em consequência, este capítulo terá 2 partes, em que na primeira se apresentam os únicos dados disponíveis até há pouco para as Contas Regionais - Base 2000, e uma segunda mais sintética em que se divulgam então os novos dados.

### *Contas Regionais (Base 2000)*

As actividades económicas nos Açores correspondem a uma quota de participação na economia nacional na ordem de 2%, contribuindo para a sustentação de um nível de rendimento que, medido em termos de PIB per capita, atingiu 13,5 mil euros por habitante no ano de 2008 e representava, ao mesmo tempo, cerca de 89% da média registada para o conjunto do país.

Factores de dimensão absoluta dos recursos humanos disponíveis têm influenciado esta participação no âmbito da economia portuguesa, mas são factores relativos de eficiência económica que têm vindo a condicionar de forma crescente a evolução do nível de riqueza, medido em termos daquele rácio do PIB por habitante residente.

A convergência do nível da produção de riqueza por habitante com o resto do país foi mais rápida do que com a Europa comunitária, porém em ambos os casos essa aproximação foi efectiva e com expressão.

### **Produto Interno Bruto** a preços de mercado

Unid.: Milhões de Euros

	1998	2000	2002	2004	2006	2007	2008*
1. Açores .....	1 955	2 155	2 488	2 887	3 199	3 343	3 395
2. País.....	104 499	122 270	135 434	144 128	155 446	163 119	166 437
% (1/2) .....	1,84	1,86	1,97	2,00	2,06	2,05	2,04
PIB per capita (mil euros/hab.)	8,2	9,6	11,2	12,0	13,2	13,7	13,5
PIB per capita (Portugal=100)	78	80	86	87	90	89	89
PIB per capita ppc (UE27=100)	60	63	66	65	69	68	67

\* Resultados preliminares.

Fonte: INE, Contas Regionais (base 2000).

A desagregao do VAB por ramos de actividade evidencia a dimensão absoluta das actividades comerciais e dos serviços, enquanto indústrias e energia se destacam em termos de um padrão com maior regularidade de crescimento, a par de uma base de produo de actividades primárias que se mantm a um certo nível de representatividade. Já as actividades de construo revelam maior variabilidade em termos dos respectivos volumes de produo.

### VAB por Ramos de Actividades Econmicas

Unid.: milhões de Euros

Actividades	1998	2000	2002	2004	2006	2007*	2008*
Primárias .....	259	295	311	323	317	306	275
Industriais e energia.....	158	184	216	248	289	322	316
Construo .....	129	132	172	173	164	175	173
Comerciais .....	363	427	518	570	628	654	679
Financeiras .....	251	290	332	373	425	445	494
Outros serviços.....	540	6531	769	824	916	965	997
Total.....	1700	1981	2 318	2 510	2 738	2 867	2934

\* Resultados preliminares.

Fonte: INE, Contas Regionais (base 2000).

A Formao Bruta de Capital Fixo, ao longo do último ano com dados conhecidos, acumulou um total de 871 milhões de euros. Este montante aproximou-se de cerca de um terço do valor da produo no mesmo ano; mais concretamente, a chamada taxa de investimento aparente de FBCF em relao ao respectivo VAB foi de 31,8%.

Os ramos de serviços captam, os maiores volumes de investimento, mas  nos das indústrias que se atingem taxas de investimento mais significativas e, particularmente, mais ajustadas a uma linha de tendência mais regular.

### FBCF - Formao Bruta de Capital Fixo

Unid.: milhões de Euros

Actividades	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006
Primárias .....	36	33	39	38	33	126	22
Industriais e energia.....	87	105	131	178	160	192	142
Construo .....	37	39	36	21	31	32	15
Comerciais .....	189	176	184	372	311	372	227
Financeiras .....	117	61	65	280	292	331	225
Outros serviços.....	457	588	584	283	200	236	239
Total.....	923	1 002	1 039	1 167	1 027	1 290	871

Fonte: INE, Contas Regionais (base 2000).



O Rendimento Primário obtido através da participao dos agentes econmicos no processo produtivo cifrou-se em 2 397 milhões de euros, baseando-se numa componente de remuneraes em cerca de dois terços e noutra de excedentes de explorao em cerca de um terço.

### Rendimento Primário

Unidade: Milhões de euros

Rendimentos	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006
Excedentes de explorao..	628	653	680	697	718	736	750
Remuneraes.....	1 097	1 201	1 290	1 340	1 421	1 479	1 517
Propriedade.....	81	89	87	91	94	118	130
Total.....	1 806	1 943	2 057	2 128	2 233	2 333	2 397

Fonte: INE, Contas Regionais (base 2000).

Considerando as operaes líquidas sobre o Rendimento Primário e relativas a impostos, a contribuies e prestaes sociais, e a transferências obtm-se um Rendimento Disponível de 2348 milhões de euros.

### Rendimento Disponível

Unidade: Milhões de euros

Rendimentos	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006
Rendimento Primário.....S	1 806	1 943	2 057	2 128	2 233	2 333	2 397
Impostos correntes.....E	87	65	95	92	115	120	137
Contribuies sociais..E	304	336	363	391	411	441	455
Prestaes sociais.....R	224	357	374	406	434	457	482
Outras transferências.....S	32	37	34	34	23	35	61
Rendimento Disponível....	1 671	1 936	2 007	2 085	2 164	2 264	2 348

S- Saldo; E- Emprego; R- Recursos.

Fonte: INE, Contas Regionais (base 2000).

### Contas Regionais (Base 2006)

O INE procedeu recentemente  actualizao das séries sobre Contas Regionais, referenciando-as a uma nova base, a Base 2006.

À semelhança das Contas Nacionais anuais, a principal alteração metodológica introduzida consistiu na utilização da Informação Empresarial Simplificada (IES), que assume um carácter tendencialmente censitário.

Segundo o INE “não existem diferenças significativas na repartição regional do PIB entre as duas bases”. Entretanto, a reavaliação dos valores do Produto Interno Bruto, que a nível nacional registou a variação de 3,4% em 2007, correspondeu a uma reavaliação para o PIB dos Açores na ordem dos 6,1% para o mesmo ano.

Nesta nova base das contas regionais destacam-se os níveis de aproximação dos Açores às médias nacional e comunitária da produção de riqueza por habitante (PIB per capita), respectivamente 92% e 72%, sendo no caso da comparação com a Europa utilizado o sistema de paridades de poder de compra para a realização dessa comparação.

**Produto Interno Bruto**  
(Base 2006)  
a preços de mercado

Unid.: Milhões de Euros

Rendimentos	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007
1. R. A. Açores	2.689	2.878	2.984	3.092	3.234	3.388	3.546
2. País	134.137	140.142	143.015	148.827	153.728	160.273	168.737
% (1/2)	2,00	2,05	2,09	2,08	2,10	2,11	2,10
PIB per capita (mil euros)	11,3	12,1	12,5	12,8	13,4	14,0	14,6
PIB per capita (País=100)	87	89	91	91	92	92	92
PIB per capita, PPC (UE 27 =100)	70	71	72	70	73	73	72

## 1. POPULAÇÃO

No ano de 2009, e segundo estimativas oficiais, a população residente nos Açores somava um total de 245 374 habitantes. Este número integra um acréscimo de 594 habitantes em relação ao ano anterior, correspondendo a uma taxa média de variação anual de 0,24%.

A variação global combina variações positivas, quer da componente natural (saldo fisiológico), quer da componente migratória, traduzindo-se cada uma em 353 e 241 habitantes, respectivamente.

### Decomposição da Evolução Demográfica

	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009
População .....	240 024	241 206	242 241	243 018	244 006	244 780	245 374
Saldo fisiológico .....	445	550	579	471	597	562	353
Saldo migratório .....	812	632	458	306	391	212	241

Fonte: INE, SREA.

A componente natural com um saldo positivo de 353 habitantes corresponde ao excedente dos 2 786 registos de nascimentos em relação aos 2 433 registos de óbitos no mesmo ano de 2009.

Todavia, assinala-se que apesar da natureza positiva em termos absolutos do saldo fisiológico, a sua dimensão relativa situou-se a um nível significativamente mais moderado do que nos anos anteriores, seja pelo número de nascimentos ter decrescido, seja pelo número de óbitos ter registado um aumento mais intenso.

### Evolução dos Saldos Fisiológicos

	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009
Nascimentos .....	3 081	3 007	3 019	2 810	2 847	2 836	2 786
Óbitos.....	2 655	2 457	2 439	2 339	2 250	2 274	2 433
Saldo fisiológico .....	445	550	579	471	597	562	353

Fonte: INE, SREA,

O saldo migratório de 241 habitantes, ao longo do ano de 2009, é calculado pela diferença entre o número da evolução total estimada e os dados referidos no parágrafo anterior para a evolução do saldo fisiológico.

As autoridades públicas vêm utilizando as fontes de informação dos serviços na fronteira e de autorização de vistos ou residência, que revelam aspectos relativos ao fenómeno migratório, mas cobrindo apenas as situações ou fluxos de entrada e, conseqüentemente, de imigração. Assim, dados sobre emigração não dispõem de fontes de informação corrente e os disponíveis reportam-se a alguns anos já relativamente recuados.

#### Emigração por Destinos

	2001	2002	2003	2004	2005	2006
EUA .....	96	95	72	61	50	68
Bermuda e Outros.	115	139	258	351	428	263
Total .....	211	234	330	412	478	331

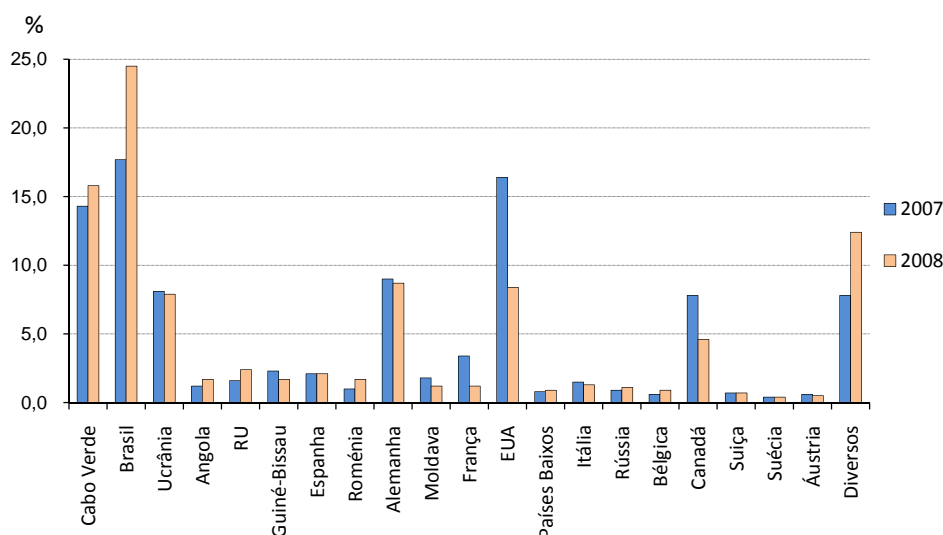
Fonte: SREA.

Entretanto, a observação dos dados oficiais disponíveis sobre estrangeiros com estatuto leal de residente nos anos de 2007 e de 2008 faz admitir um número alargado de motivações e situações no que respeita aos movimentos de cidadãos de outros países.

Efectivamente, naqueles anos, registou-se, ou mesmo acentuou-se, uma elevada dispersão de estrangeiros segundo as respectivas nacionalidades, ao mesmo tempo que certos grupos se distinguem pela representatividade atingida e pelo sentido da sua evolução.

## Estrangeiros com Estatuto Legal de Residente

Estrutura (%) nos anos de 2007 e 2008



A distribuição da população segundo os grandes grupos etários situa-se no âmbito de tendências de anos anteriores.

De facto, as estimativas apontam no sentido de uma concentração na pirâmide etária dos escalões de residentes com idade activa, não só pela progressão natural de elementos jovens, como também da agregação de novos elementos por via da atractividade revelada pelo saldo migratório. Todavia, esta componente estará sujeita a maior variabilidade por efeitos decorrentes de ciclos de evolução socioeconómica.

Já no grupo etário dos 0-14 anos evidencia-se a redução mais regular e progressiva de representatividade.

## Estrutura Etária da População

	%				
	1991	2001	2007	2008	2009
0-14 anos.....	26,4	21,4	19,0	18,8	18,5
15-64 anos.....	61,1	65,6	68,6	68,8	69,0
65 e + anos.....	12,5	13,0	12,4	12,4	12,5

Fonte: - INE.

Considerando as características de evolução referidas anteriormente poderá concluir-se que os Açores continuaram a incluir-se entre as regiões europeias com crescimento demográfico resultante do contributo das duas componentes básicas, a fisiológica e a migratória.

Assim, tornam-se aceitáveis as ideias gerais de juventude e de capacidade potencial que a estrutura etária dos habitantes residentes nos Açores deixa transparecer.

Efectivamente, a distribuição percentual dos residentes segundo os grandes escalões etários mostra uma margem positiva em relação às distribuições correlativas em termos de Portugal e da UE, quer no dos habitantes mais jovens (0-14), quer no dos residentes em idade potencialmente activa (15-64).

#### Comparação de Indicadores sobre População

Ano de 2009\*

		Açores	Portugal	UE
População (em 31 de Dezembro).....	Nº	245 374	10 637 713	499 723 520
Saldo natural .....	Nº	353	-4 945	592 795
	‰	1,4	-0,5	1,2
Saldo migratório .....	Nº	241	15 408	1 467 332
	‰	1,0	1,4	2,9
Estrutura etária da população				
0 - 14 .....	%	18,5	15,2	15,8
15 - 64 .....	%	69,0	66,9	67,3
65 e + anos.....	%	12,5	17,9	16,9

\* Em 31 de Dezembro de 2009 ou, então, 1 de Janeiro do ano seguinte. UE relativo ao ano anterior.

Fonte: - INE e EUROSTAT.

Os dados sobre a distribuição da população no arquipélago dos Açores em 2009 parecem integrar-se na lógica de evolução observada durante os anos mais recentes.

De facto, observando os dados segundo as ilhas e, também, segundo os concelhos verifica-se um certo alargamento do crescimento por aqueles territórios, na medida em que se regista uma redução nas diferenças entre si próprios.

## Evolução da População Residente, por Ilhas e Concelhos

Ilhas, Concelhos	1981	1991	2001	2007	2009
<b>Açores</b> .....	<b>243 410</b>	<b>237 795</b>	<b>241 763</b>	<b>244 006</b>	<b>245 374</b>
Santa Maria, Vila do Porto .....	6 500	5 922	5 578	5 565	5 569
<b>São Miguel</b> .....	<b>131 908</b>	<b>125 915</b>	<b>131 609</b>	<b>133 281</b>	<b>134 286</b>
Lagoa.....	12 849	12 900	14 126	15 367	15 777
Nordeste .....	6 803	5 490	5 291	5 291	5 330
Ponta Delgada.....	63 804	61 989	65 854	64 246	63 933
Povoação .....	8 458	7 323	6 726	6 795	6 843
Ribeira Grande.....	28 128	27 163	28 462	30 447	31 226
Vila F. do Campo.....	11 866	11 050	11 150	11 135	11 177
<b>Terceira</b> .....	<b>53 570</b>	<b>55 706</b>	<b>55 833</b>	<b>55 844</b>	<b>55 912</b>
Angra do Heroísmo.....	32 808	35 270	35 581	35 116	34 993
Praia da Vitória.....	20 762	20 436	20 252	20 728	20 919
<b>Graciosa, Santa Cruz</b> .....	<b>5 377</b>	<b>5 189</b>	<b>4 780</b>	<b>4 879</b>	<b>4 938</b>
<b>São Jorge</b> .....	<b>10 361</b>	<b>10 219</b>	<b>9 674</b>	<b>9 492</b>	<b>9 448</b>
Calheta.....	4 434	4 512	4 069	3 878	3 829
Velas.....	5 927	5 707	5 605	5 614	5 619
<b>Pico</b> .....	<b>15 483</b>	<b>15 202</b>	<b>14 806</b>	<b>14 840</b>	<b>14 886</b>
Lajes do Pico.....	5 828	5 563	5 041	4 732	4 654
Madalena .....	5 977	5 964	6 136	6 297	6 353
São Roque do Pico.....	3 678	3 675	3 629	3 811	3 879
<b>Faial, Horta</b> .....	<b>15 489</b>	<b>14 920</b>	<b>15 063</b>	<b>15 527</b>	<b>15 691</b>
<b>Flores</b> .....	<b>4 352</b>	<b>4 329</b>	<b>3 995</b>	<b>4 099</b>	<b>4 144</b>
Lajes das Flores .....	1 896	1 701	1 502	1 529	1 535
Santa Cruz das Flores.....	2 456	2 628	2 493	2 570	2 609
<b>Corvo, Vila Nova</b> .....	<b>370</b>	<b>393</b>	<b>425</b>	<b>479</b>	<b>500</b>

Fonte: INE, Séries Estatísticas 1994...2004.

INE, estimativas para 2009





## 2. MERCADO DE TRABALHO

No ano de 2009, a população activa na ordem de 120 mil indivíduos representa um crescimento de 2,3% em relação ao ano anterior. Sendo este ritmo de crescimento superior ao da população total, observou-se um maior grau de utilização dos recursos humanos, atingindo-se uma taxa de actividade de 49,1%, enquanto no ano anterior fora de 48,2%.

A participação da mulher no mercado de trabalho traduziu-se numa taxa de actividades de 39,7%, representando um acréscimo líquido significativo em relação à evolução média global.

Apesar da evolução positiva na capacidade de oferta líquida de emprego registou-se um acréscimo de desemprego. De facto, observou-se uma oferta efectiva de emprego maior, que se estima ter atingido 112 171 indivíduos. Todavia o ritmo ainda mais intenso da procura implicou um maior desequilíbrio no mercado de trabalho, traduzindo-se numa taxa de desemprego de 6,7%, enquanto no ano anterior fora de 5,5%.

### Condição da População Perante o Trabalho

	Nº Indivíduos						
	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009
População Activa .....	105 099	108 586	109 773	111 755	112 159	117 582	120 290
Empregada .....	102 066	104 892	105 283	107 500	107 284	111 168	112 171
Desempregada .....	3 033	3 694	4 490	4 255	4 875	6 414	8 118
População Inactiva.....	134 440	132 583	131 873	130 956	131 222	126 540	124 904
Tx. de Actividade (%) .....	43,8	45,0	45,4	46,0	46,1	48,2	49,1
Tx. de Actividade Feminina (%)	32,1	33,4	33,8	34,9	36,0	38,4	39,7
Tx. de Desemprego (%)	2,9	3,4	4,1	3,8	4,3	5,5	6,7

Fonte: SREA, Inquérito ao Emprego.

Em termos da população inactiva continuaram a verificar-se as tendências anteriores, particularmente através da redução na componente classificada como doméstica e do aumento na de reformados.

Na componente residual e classificada de “Outra” encontra-se como parte representativa a de população estudiantil, que é analisada no tema Educação.

#### População inactiva

	%						
	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009
Domésticos.....	27,3	27,3	26,6	25,2	24,8	23,1	21,6
Reformados.....	16,4	15,8	16,0	17,4	17,6	19,8	20,2
Outros.....	56,3	56,9	57,4	57,5	57,6	57,1	58,2
Total.....	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: SREA, Inquérito ao Emprego.

O sector terciário tem revelado capacidade de gerar oferta de emprego líquida, não só como efeito significativo de serviços públicos, mas também através de diversos serviços comerciais.

No sector secundário registaram-se reduções líquidas de postos de trabalho, destacando-se de forma mais expressiva em actividades de construção.

O sector primário registou um decréscimo no último ano, mas integrando-se num patamar de relativa estabilidade, cuja grandeza se situa à volta de 12%.

#### População Activa Empregada por Sectores de Actividade

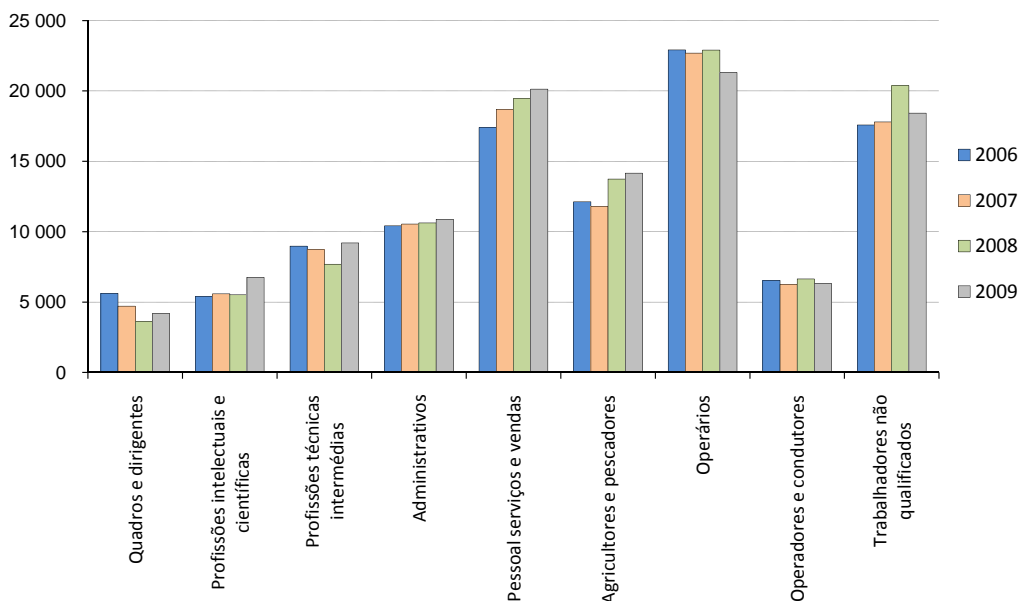
	%						
	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009
Sector Primário.....	12,8	12,5	12,4	12,4	12,0	13,1	12,7
Sector Secundário.....	28,2	26,4	25,4	25,9	26,8	26,7	24,4
Sector Terciário.....	59,0	61,1	62,2	61,7	61,2	60,2	62,9
Total.....	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: SREA, Inquérito ao Emprego.

O alargamento da população activa no sector terciário incorpora um processo de envolvimento de empregos em profissões mais exigentes em competências e habilitações.

Complementarmente, profissões de trabalhadores não qualificados, de operadores ou condutores e de operários registaram decréscimos em 2009. Aliás, o seu nível de emprego é mais condicionável pelos ciclos de actividade económica.

### Profissão da População Empregada



Observando a distribuição da população activa empregada segundo a situação na profissão, evidencia-se o predomínio e uma certa tendência ao reforço na categoria por conta de outrem.

Já dentro desta categoria sobressai a subcategoria de trabalhadores sem termo.

### População Activa Empregada, por Situação na Profissão (%)

	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009
Conta de Outrem....	75,6	78,0	78,1	78,4	78,5	78,6	79,1
Sem termo.....	57,7	60,3	62,2	63,1	62,5	62,1	62,2
Com termo.....	14,3	13,9	12,8	12,6	13,8	13,5	13,3
Outros.....	3,6	3,8	3,2	2,7	2,2	3,0	3,6
Conta Própria.....	21,8	19,9	19,9	19,4	19,1	19,9	19,4
Familiar e Outras.....	2,6	2,1	2,0	2,2	2,4	1,5	1,5
Total.....	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: SREA, Inquérito ao Emprego.

À média anual de 8 118 desempregados em 2009, que os inquéritos trimestrais do SREA/INE publicaram, correspondeu a média de 4 978 registos nos centros de emprego.

Observando a distribuição intra-anual destes números verifica-se um certo paralelismo, que aponta no sentido de uma redução do desemprego no segundo e, principalmente, no terceiro trimestre, sendo associável a maiores ofertas de emprego sazonal.

#### Dados sobre Desemprego, 2009

	1º T	2º T	3º T	4º T	Ano
População Activa Desempregada (SREA).....	7 977	8 535	7 471	8 490	8 118
Desemprego Registado (Centros de Emprego) ....	4 976	4 622	4 511	5 802	4 978

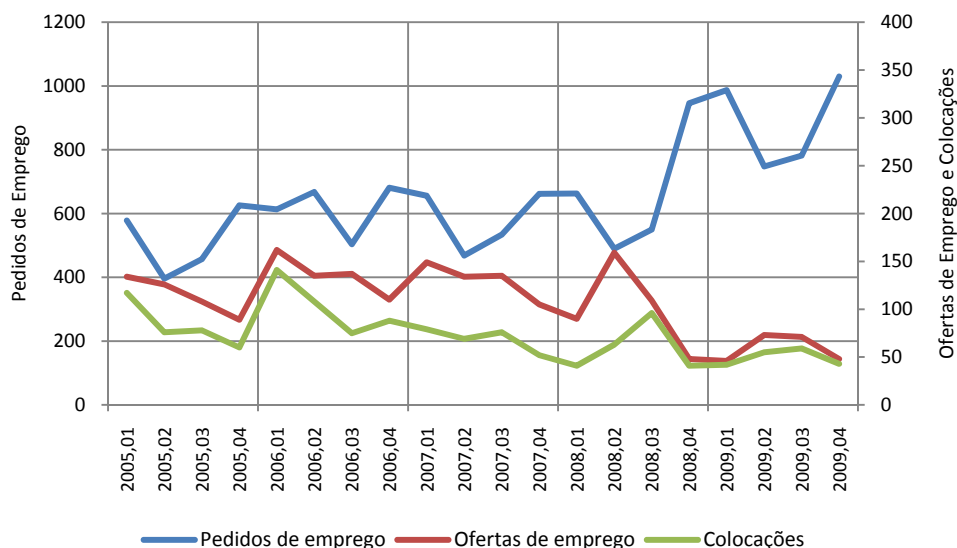
Fontes: SREA, GEP do MTSS e DREPA.

De facto, observando agora os dados sobre oferta e procura de emprego dos centros de emprego regista-se um aumento efectivo de colocações em meses da época estival. Este fenómeno é visivelmente correlacionável com as ofertas de emprego já que, por outro lado, os pedidos de emprego até registam maior ocorrência a partir do Outono, quando a procura de emprego se intensifica com jovens recém-formados e à procura de ocupação profissional.

Enquadrando os dados intra-anuais dos centros de emprego no âmbito da evolução dos últimos anos, mais concretamente desde 2005, verifica-se um aumento do desequilíbrio entre pedidos e oferta de emprego durante o ano de 2009 e, aproximadamente, com início no segundo semestre de 2008.

Ao mesmo tempo que aumentava aquele desequilíbrio entre oferta e procura, as opções da própria oferta terão seguido orientações mais conservadoras, restringindo-se praticamente ao volume das colocações efectivas.

**Mercado de Emprego, ao longo do período, AÇORES**



O mercado de trabalho açoriano tem vindo a apresentar aspectos de participação dos recursos humanos com características comparáveis aos níveis registados na sociedade portuguesa em geral e na dos 27 países da União Europeia, como é revelado pelos elementos relativos a taxas de actividade.

Entretanto as habilitações da população activa revelam uma distribuição nitidamente concentrada nos ciclos iniciais da escolaridade formal.

**Elementos de Estrutura, 2009**

	Açores	Portugal	UE (27 países)
Taxa de Actividade (%)			
Total .....	49,0	52,5	48,6
Homens .....	58,4	57,3	54,5
Mulheres .....	39,7	48,0	43,0
Nível de Escolaridade Completo (%)			
Até ao básico, 3º ciclo .....	75,5	67,4	22,8
Secundário .....	14,7	16,8	49,1
Superior.....	9,7	15,8	28,1

Fontes: SREA / INE, Eurostat.



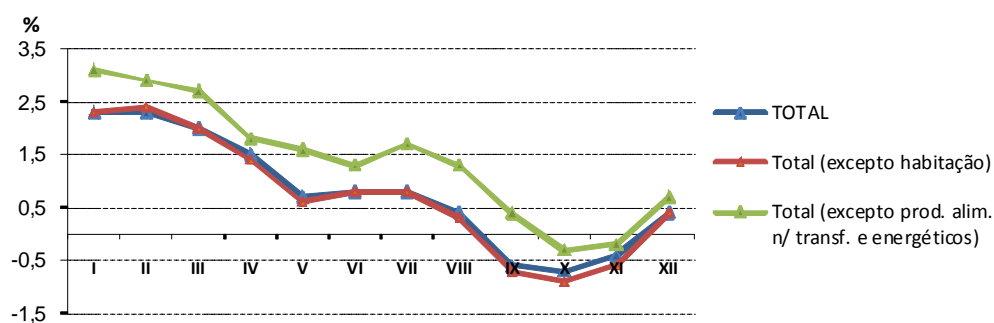
### 3. PREÇOS NO CONSUMIDOR

Em 2009, a evolução média dos preços no consumidor traduziu-se numa taxa de 0,8%, situando-se a um nível significativamente inferior ao de 3,5% do ano anterior. Esta evolução média correspondeu a um processo de desaceleração de preços que se acentuou por via da componente de produtos Alimentares não transformados e de Energéticos.

Efectivamente observando a evolução intra-anual, através das taxas de variações homólogas, verifica-se que as variações de preços seriam mais elevadas se se excluíssem do cabaz de produtos de referência os produtos Alimentares não transformados e os Energéticos. Neste caso a evolução média dos preços no consumidor atingiria 1,4%, em vez dos 0,8% referidos inicialmente.

De qualquer forma, a evolução geral ao longo do ano de 2009 foi reveladora de uma tendência integrável num processo de desaceleração de preços. Apenas os dados dos últimos meses parecem mostrar alteração naquela tendência, mostrando mesmo indícios no sentido da própria inversão.

**Evolução de Preços no Consumidor**



Procurando encontrar entre as diversas classes, as geradoras de efeitos mais significativos para a evolução geral, evidenciam-se em primeiro lugar as de transportes, comunicações e saúde já que registaram reduções de preços.

A classe de transportes, além da redução de preços com uma variação negativa à taxa de -3,1%, registou a contribuição mais intensa (-0,6) devido à elevada representatividade no total das despesas do cabaz de compras

de referência, já que atinge um peso de 17,8% na ponderação actual entre as diversas classes.

Algumas classes registaram variações maiores em termos absolutos, mas os respectivos contributos para a variação global foram menos intensos devido à sua representatividade ser menor. Veja-se, por exemplo, o caso da classe de bebidas alcoólicas e tabaco do que registou a variação de 7,5%, a máxima entre as diversas classes, mas o seu contributo para a variação global foi de apenas 0,3%, devido à sua representatividade de 4% se situar entre as menores, sendo significativamente inferior aos 17,8% que vimos anteriormente para os transportes.

Aliás, assinala-se, os dados agora analisados correspondem à base de uma nova série, com ajustamento inferido a partir do Inquérito às despesas das Famílias realizado em 2005 e 2006 que, em termos gerais e estruturais, reduzem a representatividade de classes como as de alimentação, vestuário ou habitação e reforçam as ligadas a viagens, formação ou diversão.

#### Variação e Contribuição por Classes de Despesa, em 2009

Unidade: %

Classes	Variação de preços	Ponde-radores (peso)	Contribuiçã o
1. Alimentares e Bebidas não Alcoólicas .....	0,0	22,1	0,0
2. Bebidas Alcoólicas e Tabaco .....	7,5	4,0	0,3
3. Vestuário e Calçado .....	3,6	5,3	0,2
4. Habitação., Água, Electricidade, Gás e Outros Combustíveis .	3,5	9,7	0,3
5. Acessórios, Equip. Domést. e Manut. Corrente da Habitação..	3,3	8,5	0,3
6. Saúde .....	-0,9	7,7	-0,1
7. Transportes.....	-3,1	17,8	-0,6
8. Comunicações.....	-1,2	3,5	0,0
9. Lazer, Recreação e Cultura .....	3,0	6,0	0,2
10. Educação.....	3,5	1,1	0,0
11. Hotéis, Cafés e Restaurantes.....	0,6	5,8	0,0
12. Bens e Serviços Diversos.....	1,1	8,6	0,1
Total .....	0,8	100,0	0,8

Fonte: SREA.



## 4. MOEDA E CRÉDITO

As instituições bancárias na Região Autónoma dos Açores registaram 2 931 milhões de euros em depósitos captados durante o ano de 2009 e 4 646 milhões de euros de créditos concedidos no mesmo período.

Estes agregados representam negócios acrescidos em termos de volume e de rentabilidade em relação ao ano anterior. Isto é, além de ambos os agregados incorporarem variações médias anuais positivas, também foram elementos de maior eficiência em termos de grau de transformação das poupanças captadas em activos de financiamento.

Efectivamente, o crescimento médio anual dos depósitos e dos créditos registaram, respectivamente, as taxas de 2,6% e de 3,7% em termos reais, repercutindo-se numa relação entre aqueles dois agregados representada pelo índice de 158,5, enquanto no ano anterior fora de 156,9.

### Depósitos e Créditos Bancários

10<sup>6</sup> Euros

Evoluções	Depósitos	Créditos <sup>1)</sup>	Créditos/Depósitos (%)
Absoluta			
2005.....	2 308	3 013	130,5
2006.....	2 398	3 447	143,7
2007.....	2 446	4 065	166,2
2008.....	2 834	4 446	156,9
2009.....	2 931	4 646	158,5
Relativa Nominal ( $\Delta$ %)			
2006/2005.....	3,9	14,4	
2007/2006.....	2,0	17,9	
2008/2007.....	15,9	9,4	
2009/2008 <sup>2)</sup> .....	3,4	4,5	
Relativa "Real" ( $\Delta$ %)			
2006/2005.....	0,3	10,4	
2007/2006.....	-1,5	14,4	
2008/2007.....	12,4	6,1	
2009/2008.....	2,6	3,7	

1) Não inclui crédito titulado.

2) Considerando a evolução do IPC.

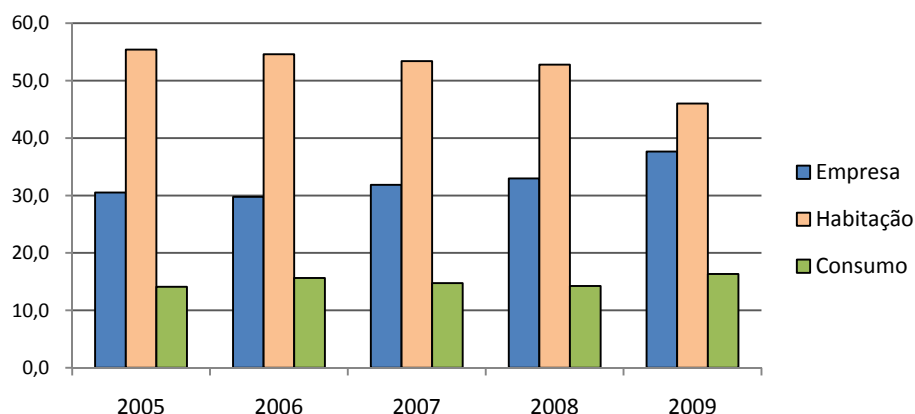
Fonte: Banco de Portugal, Boletim Estatístico, [www.bportugal.pt](http://www.bportugal.pt)

### Créditos

Os créditos concedidos pelos bancos continuam a revelar aplicações financeiras orientadas predominantemente para empréstimos hipotecários em compras de habitação.

Todavia, no ciclo de evolução anual mais recente, o volume de empréstimos contratados com empresas não financeiras tem alargado a sua quota na carteira de negócios dos bancos.

Créditos Concedidos (%)  
Distribuições anuais

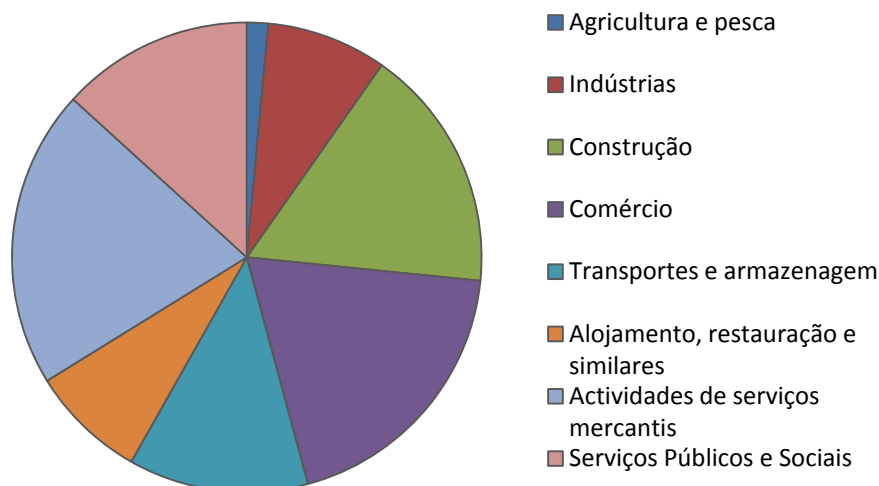


A distribuição por sectores do crédito às empresas aponta no sentido de utilizações mais abrangentes e significativas em actividades terciárias.

Os sectores de produções industriais, incluindo de bens hídricos e energéticos, e de construção encontram-se entre os que revelam maior sensibilidade aos contextos de mercado envolventes,

Estes sectores representaram uma quota de participação em 2009 de cerca de  $\frac{1}{4}$  do total do volume de empréstimos para investimentos, o que em relação ao ano anterior se traduz na incorporação de uma redução do respectivo peso estrutural.

Crédito Concedido às Sociedades não Financeiras por Sector de Actividade (%)

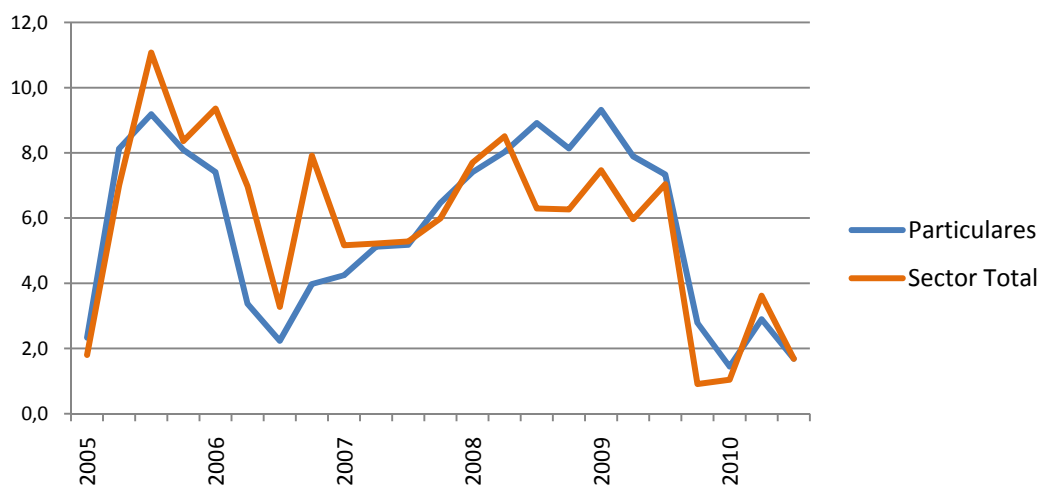


### Depósitos

A poupança de particulares constitui a fonte mais representativa dos depósitos captados pela rede bancária na Região Autónoma dos Açores. A sua evolução repercutiu-se no nível do agregado dos passivos bancários, registando-se ao longo do ano de 2009 uma desaceleração acentuada, na sequência do agravamento da aversão ao risco, que foi intensificada com os problemas de liquidez anunciados em 2008.

Entretanto, a evolução mais recente (últimos trimestres) aponta no sentido de alguma estabilização, senão mesmo inversão, que parece integrar-se numa resposta aos estímulos das medidas de política monetária e de estratégias dos bancos para reforçarem a captação de recursos, no sentido de fazerem face a aumentos de custos de financiamento nos mercados internacionais.

**Depósitos Captados (%)**  
Taxas de variação



#### *Rede e cobertura bancária*

Em 2009, funcionaram 166 balcões da rede bancária na Região Autónoma dos Açores, representando uma capacidade instalada significativa e com potencial.

Considerando os agregados de 4646 milhões de euros de empréstimos e os 2931 milhões de euros de depósitos no contexto do país, verifica-se que correspondem a uma utilização de recursos proporcionalmente superior e, conseqüentemente, com tradução positiva no respectivo grau de eficiência.

#### **Rede e Cobertura bancária em 2008**

	Unidades	Açores	País	Açores/País (%)
Depósitos .....	10 <sup>6</sup> Euros	2 931	194 283	1,5
Créditos .....	10 <sup>6</sup> Euros	4 646	255 773	1,8
Balcões .....	Nº	166	6 186	2,7

Fonte: Associação Portuguesa de Bancos.

## 5. FINANÇAS PÚBLICAS

### *Evolução Geral*

No ano de 2009 agregado das Despesas Correntes com as de Capital e as do Plano da Região Autónoma dos Açores totalizou 1 029,9 milhões de euros, correspondendo a uma redução de 25,1 milhões de euros em relação ao ano anterior.

Esta redução, que representou uma taxa média de variação anual de -2,4%, teve a sua origem nas despesas de capital, no âmbito do serviço da dívida, não afectando as outras componentes de execução orçamental, particularmente a de despesas do Plano. Efectivamente, as despesas classificadas como Correntes e as do Plano cresceram, respectivamente, 3,4% e 11,8% durante o mesmo exercício de 2009.

O financiamento das despesas continuou a basear-se nas componentes de receitas fiscais e de transferências, assinalando-se, todavia, a progressão da segunda componente.

### Aplicações e Financiamento — Conta da RAA

	Montante (Milhões de Euros)				Estrutura %			
	2006	2007	2008	2009	2006	2007	2008	2009
RECEITAS (Corr.+Capital).....	927,1	969,3	1 055,5	1 029,9	100,0	100,0	100,0	100,0
Receitas fiscais (Imp.+Tax.)	588,7	480,7	526,6	453,0	63,5	49,6	49,9	44,0
Transferências .....	242,6	384,2	422,1	467,7	26,2	39,6	40,0	45,4
Empréstimos .....	49,8	56,5	91,0	50,0	5,4	5,8	8,6	4,9
Outras .....	46,1	47,9	15,8	59,2	5,0	4,9	1,5	5,7
DESPESAS.....	891,2	963,7	1 055,0	1 029,5	100,0	100,0	100,0	100,0
Despesas Correntes	533,2	571,5	571,5	590,9	59,8	56,4	54,2	57,4
Despesas de Capital	51,9	92,8	92,8	1,7	5,8	6,0	8,8	0,2
Despesas do Plano	306,1	390,7	390,7	436,9	34,3	37,6	37,0	42,4

Fonte: Conta da R. A. A., DROT.

**Despesas**

Acrescentando ao agregado das despesas referidas anteriormente na evoluo geral, os fluxos com carácter contabilístico e transitório de despesas extra-orçamentais no montante de 245,4 milhões de euros, obtm-se um total de 1 274,9 milhões de euros em 2009.

As despesas correntes continuaram a centrar-se em encargos com pessoal e transferências, onde as verbas para funções sociais de educao e saúde representam a fraco mais significativa.

Os encargos correntes da dvida de 11,4 milhões de euros decresceram em relao ao anterior, mesmo em termos nominais.

Sem passivos financeiros decorrentes de amortizao da dvida, as despesas de capital reduziram-se substancialmente em relao ao ano anterior.

Já a execuo do Plano atingiu um valor total de 436,9 milhões de euros.

**Despesas – Conta da RAA**

Milhares de Euros			
Despesas	2007	2008	2009
<b>Despesas Correntes .....</b>	<b>543 609</b>	<b>571 578</b>	<b>590 918</b>
Pessoal.....	270 221	292 524	310 684
Aquisio de bens e Serviços.....	16 846	16 763	17 540
Encargos correntes da dvida .....	11 726	13 149	11 449
Transferências correntes .....	234 549	238 439	238 911
Subsídios .....	0	0	0
Outras despesas correntes.....	10 267	10 703	12 334
<b>Despesas de Capital.....</b>	<b>58 165</b>	<b>92 780</b>	<b>1 688</b>
Aquisio de bens de capital.....	863	875	1 098
Activos financeiros.....	0	0	0
Passivos financeiros (amortizao) .....	56 587	91 250	0
Transferências de capital .....	406	340	0
Outras despesas de capital.....	309	314	590
<b>Despesas do Plano .....</b>	<b>361 884</b>	<b>390 659</b>	<b>436 933</b>
<b>Contas de Ordem / Operaoes extra-orçamentais....</b>	<b>248 713</b>	<b>245 593</b>	<b>245 354</b>
<b>Total.....</b>	<b>1 212 371</b>	<b>1 300 610</b>	<b>1 274 894</b>

Fonte: Conta da R.A.A., DROT.

**Receitas**

O valor da soma final das receitas na conta da Região Autónoma dos Açores totalizou 1 277,2 milhões de euros em 2009, depois de contabilizar as operações extra-orçamentais no montante de 247,3 milhões de euros.

A redução de receitas fiscais (impostos mais taxas correntes) decorreu da evolução de componentes mais representativas, particularmente do IVA. De facto, os acréscimos verificados em diversos impostos, incluindo os de IRS, foram insuficientes para compensar a evolução geral.

No que respeita ao financiamento captado por transferências, continuou a incluir-se uma parcela significativa de receitas correntes, mas a de receitas de capital, além de já ser a mais representativa, foi a que registou maior crescimento.

**Receitas – Conta da RAA**

Milhares de Euros			
Receitas	2007	2008	2009
<b>Receitas Correntes</b> .....	<b>629 070</b>	<b>676 262</b>	<b>619 044</b>
Impostos directos .....	189 635	199 234	170 692
IRS .....	126 696	137 710	141 674
IRC .....	62 854	61 445	28 915
Outros .....	85	79	103
Impostos indirectos .....	282 167	318 544	274 026
Imposto de selo .....	25 838	25 803	27 366
IVA .....	162 900	216 882	152 247
Imposto s/ consumo tabaco .....	25 399	23 995	26 133
Outros .....	68 030	51 864	68 280
Contribuições Segurança Social .....	4 348	4 332	4 643
Taxas, multas, outras penalidades .....	4 563	4 510	3 685
Rendimentos de propriedade .....	5 676	4 977	2 227
Transferências .....	140 102	143 030	146 546
Outras receitas .....	6 926	1 635	17 222
<b>Receitas de Capital</b> .....	<b>340 274</b>	<b>371 477</b>	<b>372 081</b>
Venda de bens de investimento .....	136	85	41
Transferências .....	244 127	279 081	321 120
Activos financeiros .....	1 884	1 158	797
Passivos financeiros .....	56 500	91 000	50 000
Outras receitas .....	92	152	121
<b>Outras receitas/ Reposições</b> .....	<b>1 694</b>	<b>2 084</b>	<b>38 283</b>
<b>Saldo da gerência anterior</b> .....	<b>35 933</b>	<b>5 687</b>	<b>492</b>
<b>Contas de Ordem/ Operações extra-orçamentais</b>	<b>247 756</b>	<b>245 395</b>	<b>247 285</b>
<b>Total</b> .....	<b>1 217 100</b>	<b>1 300 905</b>	<b>1 277 184</b>

Fonte: Conta da R.A.A., DROT.

**Saldos**

Em 2009, a partir de um Saldo Corrente positivo de 28,12 milhões de euros e de um défice de 27,76 milhões de euros em termos de Saldo de Capital, deduz-se um Saldo Global de 0,36 milhões de euros.

Se as despesas financeiras com os encargos correntes (juros) gerados pela dvida fossem neutralizados, o saldo primário traduzir-se-ia em 11,81 milhões de euros.

**Saldos – Conta da RAA**

	Milhões de Euros		
	2007	2008	2009
Saldo Corrente .....	85,5	104,7	28,12
Saldo de Capital .....	-79,8	-104,2	-27,76
Saldo Global .....	5,7	0,5	0,36
Saldo Primário .....	17,4	13,6	11,81

Fonte: Conta da R.A.A., DROT.

**Dvida Pública Directa**

A dvida pública de 324,6 Milhes de euros em 2009 resulta da incorporao do empréstimo de 50 milhes de euros, tendo em vista situaes decorrentes do financiamento de projectos com participao de fundos comunitrios.

O montante de cerca de onze milhes de euros  determinado por encargos com juros, no se tendo registado amortizações.

**Dvida Pública Regional**

	Mil Euros		
	2007	2008	2009
<b>Dvida Pública Directa</b>	<b>274 864</b>	<b>274 614</b>	<b>324 614</b>
<b>Serviço da Dvida .....</b>	<b>68 314</b>	<b>104 399</b>	<b>11 449</b>
Juros.....	11 702	13 123	11 364
Amortizações .....	56 587	91 250	0
Outros encargos.....	25	26	85

Fonte: Conta da R.A.A., DROT.



## 6. AGRICULTURA

Entre as principais culturas agrícolas, o milho de forragem para alimento de animais registou um volume na ordem de 136 milhares de toneladas, enquanto o milho grão continuou a representar uma quantidade praticamente residual.

As produções de beterraba, chá e tabaco foram menos volumosas, caracterizando-se, aliás, pela associação aos respectivos processos de transformação industrial.

Em relação às produções de batata, as estatísticas anuais registaram quantidades inferiores aos níveis médios dos últimos anos. Todavia, se para a batata cedo era divulgado na publicação referente ao mês de Janeiro que as condições meteorológicas tinham afectado aquela cultura, já para a batata tarde era assinalado em Outubro que a produção se considerava normal.

### Produção das Principais Culturas, R.A.A.

	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009
Milho Grão .....	1 843	1 830	1 799	1 791	1 629	1 380	1 348
Milho Forragem .....	154 365	155 333	152 893	147 865	144 772	138 649	136 115
Beterraba Sacarina	5 265	9 330	18 654	19 447	16 974	11 618	6 612
Chá .....	116	125	112	125	142	145	141
Tabaco .....	104	138	125	104	118	118	96
Batata Cedo .....	4 699	4 984	4 984	4 886	4 611	4 637	4 257
Batata Tarde.....	12 878	14 344	15 137	13 907	14 467	15 113	10 304

Fonte: SREA e INE.

Segundo as Estatísticas Agrícolas anuais do INE, a produção de vinhos em 2009 somou um total de 13,47 mil hectolitros.

Deste total, a componente de tinto e rosado atingia 9,8 mil hectolitros, representando cerca de 73% do total.

Todavia, foi entre os vinhos brancos, particularmente os licorosos, que se evidenciou a melhor representatividade no contexto da vinicultura portuguesa.

## Produco de vinhos, R.A.A.

Unidade: hl

	Branco	Tinto*	Total
Licoroso com DOP .....	2 313	0	2 313
DOP - Denominao de Origem Protegida .....	173	0	173
IGP - Identificao Geográfica Protegida .....	1 107	1 725	2 832
Com Indicao de Casta .....	5	2	7
Sem Indicao de Casta .....	50	8 095	8 145
Total .....	3 648	9 822	13 470

\* Pode incluir vinhos tipo rosado.

Fonte: INE.

O leite recebido nas fábricas durante o ano de 2009 atingiu o total de 540,2 milhões de litros. Este volume total representa um crescimento significativo em relao ao ano anterior, traduzindo-se numa média anual de 4,7%.

O acréscimo de produo de leite destinou-se, fundamentalmente,  respectiva utilizao para consumo, já que a transformao em produtos lácteos (manteiga, queijo, ...) manteve-se próxima do volume e da própria composio do ano anterior.

De facto, enquanto o leite para consumo passou de cerca de 84 milhões de litros em 2008 para 99 milhões em 2009, o conjunto agregado de produtos lácteos manteve-se praticamente na ordem de 53 milhões, no mesmo período.

## Produco e Transformao de Leite

	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009
Leite recebido nas fábricas (1000 lt.)	492 211	491 276	499 801	505 872	506 216	515 728	540 199
Leite p/consumo (1000 lt) .....	52 852	65 797	74 670	78 137	89 862	84 069	99 410
Produtos lácteos (ton.s) .....	51 289	49 681	48 887	49 948	50 500	53 416	53 991
Manteiga .....	7 325	6 794	6 568	7 489	7 127	8 300	8 636
Queijo .....	25 459	26 075	27 229	26 296	28 697	29 105	28 948
Leite em P .....	18 271	16 557	14 782	15 859	14 324	15 692	16 102
Iogurtes .....	234	255	309	304	352	316	305

Fonte: SREA.

Em 2009, o total de 26 mil toneladas de carne nas diversas origens corresponde a um decréscimo em relação ao ano anterior.

Todavia, observando os diversos elementos do agregado total, verifica-se que a parte mais significativa da redução se ficou dever ao gado bovino exportado vivo. Já o gado bovino para abate interno e com maior potencial de valorização continuou a crescer significativamente, alargando a sua representatividade.

### Produção de Carne

	Ton						
	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009
Gado bovino abatido .....	7 998	7 247	8 147	8 124	8 262	10 448	11 565
Gado bovino exportado vivo	14 078	11 983	12 222	11 740	9 631	8 436	5 511
<b>Sub - total.....</b>	<b>22 076</b>	<b>19 230</b>	<b>20 368</b>	<b>19 864</b>	<b>17 893</b>	<b>18 884</b>	<b>17 076</b>
Gado suíno abatido .....	5 798	5 364	5 688	4 611	5 146	5 706	4 655
Aves (abate).....	3 318	3 565	3 720	3 964	4 195	4 230	4 304
<b>Total.....</b>	<b>31 192</b>	<b>28 159</b>	<b>29 776</b>	<b>28 439</b>	<b>27 234</b>	<b>28 820</b>	<b>26 035</b>

Fonte: SREA.

Os dados do último Inquérito à Estrutura das Explorações Agrícolas, para o ano de 2005, apontam no sentido de um redimensionamento das unidades empresariais agrícolas, na medida em que revelam acréscimos de área média (ha / nº de explorações), de mecanização (densidade de tractores por área ou por exploração) e, por outro lado, redução dos recursos humanos envolvidos (produtores e população agrícola familiar).

### Estruturas e Recursos Gerais

Classes	Açores	Portugal	Açores/Portugal (%)	Variações 1999-2005 (%)	
				Açores	Portugal
Explorações (nº).....	15 285	323 920	4,7	-21	-22
SAU (ha) .....	122 783	3 679 587	3,3	1	-5
Tractores (nº) .....	3 005	176 394	1,7	13	10
Produtores agrícolas singulares (nº)	15 107	317 075	4,8	-20	-23
População agrícola familiar (nº) .....	49 514	869 311	5,7	-28	-30

Fonte: INE, Inquérito à Estrutura das Explorações Agrícolas, 2005.

Considerando o conceito de orientao técnico-econmica a partir da relao entre as diferentes margens brutas de explorao das actividades desenvolvidas por uma mesma unidade empresarial, 10 669 exploraes agrıcolas foram classificadas como especializadas, já que dois terços da margem bruta global derivaram apenas de uma actividade, e 4 307 foram classificadas como indiferenciadas/combinadas.

Observando as mesmas exploraes, mas agora segundo o tipo de cultivo, as orientadas para bovinos revelam um predominio no contexto regional e uma representatividade significativa no sector a nıvel nacional.

### Exploraes

Unidade: n

Classes	Açores	Portugal	Açores/Portugal (%)
Exploraes .....	14 976	323 154	4,6
Segundo o grau de especializao			
Especializadas .....	10 669	156 697	6,8
Indiferenciadas/combinadas .....	4 307	166 457	2,6
Segundo o tipo de cultivo			
Viticultura .....	405	40 174	1,0
Fruticultura .....	2 114	26 692	7,9
Bovinos leite .....	2 852	10 065	28,3
Bovinos para gado/carne .....	3 298	10 348	31,9
Policultura .....	1 689	60 682	2,8
Diversos .....	4 618	175 193	2,6

Fonte: INE, Inquérito  Estrutura das Exploraes Agrıcolas, 2005.

A populao agrıcola familiar era formada por 49 514 pessoas, caracterizando-se no contexto português pela sua relativa juventude e nıvel de instruo. Efectivamente,  nos elementos de grupos etários com menos de 45 anos e nos de habilitaes a partir do 1 ciclo que se encontram representatividades superiores  média geral de 5,7% para a populao agrıcola familiar.

## População

Unidade: n°

Classes	Açores	Portugal	Açores/Portugal (%)
População residente.....	241 763	10 356 117	2,3
População agrícola familiar.....	49 514	869 311	5,7
Segundo as classes etárias			
< 35 .....	19 539	231 632	8,4
35 a >45 anos.....	6 556	85 706	7,6
45 a <65.....	15 104	279 335	5,4
>=65 .....	8 314	272 637	3,0
Segundo nível de instrução			
Não sabe .....	5 145	124 605	4,1
Sabe .....	4 394	121 280	3,6
1º ciclo.....	19 383	336 209	5,8
2º .....	8 837	106 010	8,3
Outros níveis .....	11 755	181 208	6,5
População residente.....	241 763	10 356 117	2,3

Fonte: INE, Inquérito à Estrutura das Explorações Agrícolas, 2005.

No contexto português, as explorações, ao mesmo tempo que apresentam uma dimensão relativamente reduzida, têm uma intensidade de utilização de volume de trabalho baixa, permitindo uma eficiência equilibrada na utilização destes recursos básicos às actividades agrícolas. Assim, não surpreenderá a produtividade alcançada nos Açores, onde a orientação técnico-económica pelos bovinos gerará significativas margens brutas de exploração, que contribuem para a elevação dos índices médios.

## Indicadores Laborais

Classes	Açores	Portugal	Açores/Portugal (%)
Dimensão (Ha/Expl.).....	8,0	11,4	70,2
Volume de trabalho (UTA/Expl.).....	0,8	1,2	66,7
Eficiência (UTA/100 ha) .....	10,1	10,9	92,7
Produtividade (UDE/UTA).....	17,1	5,6	305,4

Fonte: INE, Inquérito à Estrutura das Explorações Agrícolas, 2005.



## 7. PESCAS

O total de cerca de 31 milhões de euros de pescado descarregado nos portos de pesca em 2009, corresponde a um decréscimo de -13,1% em relação ao ano anterior.

Este decréscimo ocorre, sobretudo, através do factor volume, já que o preço médio registou uma variação positiva no mesmo período. De facto, a quantidade absoluta medida em toneladas decresceu à taxa de -18,1%, ao passo que o preço médio em euros por cada quilograma cresceu à taxa de 6,1%.

O preço médio foi sustentado pelo dos tunídeos que registou uma evolução acima da média geral e, até, do próprio padrão cíclico já de si conhecido por elevadas intensidades de variação.

### Pescado Descarregado nos Portos de Pesca

	Anos						
	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009
<b>Volume (Tons)</b>							
<b>Total .....</b>	<b>10 013</b>	<b>11 042</b>	<b>9 254</b>	<b>11 860</b>	<b>15 883</b>	<b>11 528</b>	<b>9 441</b>
Tunídeos.....	3 505	5 228	3 113	5 817	9 392	5 109	3 547
Restante Pescado.....	6 508	5 814	6 141	6 043	6 491	6 499	5 894
<b>Valor (Mil Euros)</b>							
<b>Total .....</b>	<b>26 119</b>	<b>27 452</b>	<b>28 745</b>	<b>31 876</b>	<b>38 224</b>	<b>35 443</b>	<b>30 799</b>
Tunídeos.....	2 390	3 537	2 336	3 463	6 254	5 798	5 659
Restante Pescado.....	23 729	23 915	26 409	28 413	31 970	29 645	25 140
<b>Preço (Euro/Kg)</b>							
<b>Total .....</b>	<b>2,61</b>	<b>2,49</b>	<b>3,11</b>	<b>2,69</b>	<b>2,41</b>	<b>3,07</b>	<b>3,26</b>
Tunídeos.....	0,68	0,68	0,74	0,60	0,67	1,13	1,60
Restante Pescado.....	3,65	4,11	4,30	4,70	4,93	4,62	4,27

Fonte: SREA.

Nas outras espécies descarregadas com valor comercial, a redução de preço por quilograma foi a ocorrência mais frequente.

A desvalorização comercial em espécies mais representativas, como as do goraz e do peixão, integra-se numa lógica que parece reforçar indícios de alguma desaceleração já observada em momentos anteriores.

Entre as excepções à quebra de valor comercial destaca-se a do cherne que, atendendo a tratar-se de uma das espécies mais representativas, terá exercido um efeito moderador significativo. Outras excepções, como a do chicharro, terão exercido efeitos moderadores mínimos devido à sua menor representatividade em termos comerciais.

#### Principais Espécies Descarregadas, 2009

	Toneladas	Mil Euros	Euro/Kg
Abrótea.....	215	772	3,6
Boca Negra .....	316	958	3,0
Cherne .....	392	4.309	11,0
Chicharro.....	1.121	1.765	1,6
Goraz.....	442	5.122	11,6
Imperador.....	59	636	10,8
Lula .....	455	1.934	4,3
Mero .....	24	175	7,4
Pargo.....	65	523	8,0
Peixão.....	600	3.532	5,9
Outras.....	1.762	5.416	3,1
<b>Total (exclui tunídeos) .....</b>	<b>5 894</b>	<b>25 140</b>	<b>4,3</b>

Fonte: SREA.

Os resultados de comercialização terão correspondido às condições observadas nos respectivos mercados, nomeadamente no âmbito da economia portuguesa.

Terá sido assim, na medida em que a representatividade global se manteve ao nível da existente no ano anterior, situando-se a uma quota de cerca de 12% do total nacional, ao mesmo tempo que evidenciava o desempenho básico da componente de peixes marinhos, onde a respectiva quota atinge cerca de 15%.



## Principais categorias de espécies descarregadas, 2009

	Açores		Portugal		Açores/Portugal (%)	
	Tons	Mil euros	Tons	Mil euros	Tons	Euros
Peixes marinhos.....	8 964	28 618	126 348	190 191	7,1	15,1
Crustáceos.....	13	164	2 167	18 141	0,6	0,9
Moluscos.....	464	2 017	16 147	45 540	2,9	4,4
gua doce e outros.....	0	0	131	959	0,0	0,0
<b>Total.....</b>	<b>9 441</b>	<b>30 799</b>	<b>144 792</b>	<b>254 831</b>	<b>6,5</b>	<b>12,1</b>

Fonte: INE.

As 657 embarcaes licenciadas em 2009 dispunham de um total de arqueao bruta de 6 102 toneladas e de motorizao instalada com uma potência de 39,2 milhares de Kws.

Estes dados representam uma frota com dimensão global significativa no contexto da economia portuguesa, ao mesmo tempo que as embarcaes em termos de unidades de explorao dispõem de capacidade operacional superior  média.

Efectivamente, se o número de embarcaes por si próprio já representa 23,4% do sector em Portugal, a capacidade em termos de volume de arqueao bruta e de potência de equipamento atinge propores na ordem de 19%.

## Embarcaes, 2009

	Açores	Portugal	Açores / Portugal (%)
Número.....	657	4 909	13,4
Arqueao bruta.....	6 102	32 076	19,0
Potência (Kw).....	39 196	211 762	18,5

Fonte: INE.

Nas artes utilizadas pelas embarcaes continua a evidenciar-se o predomínio das afectas  pesca com anzol. Mais concretamente 1 463 num total de 2 680.

Desta forma, a característica selectiva na captura de recursos piscícolas marinhos sobressai, minimizando-se o risco de delapidao dos respectivos recursos naturais.

## Licenças por Arte de Pesca, 2009

	Açores	Portugal	Açores/Portugal (%)
Anzol.....	1 463	8 811	16,6
Armadilhas.....	439	3 139	14,0
Arrasto.....	0	939	0,0
Cerco.....	70	287	24,4
Redes.....	708	7 805	9,1
Outras artes.....	0	405	0,0
<b>Total.....</b>	<b>2 680</b>	<b>21 386</b>	<b>12,5</b>

Fonte: INE.

O total de 2 759 pescadores corresponde a cerca de 18% dos respectivos recursos humanos do país.

A sua distribuico por grandes espaços operacionais mostra uma certa afectaco predominante ao nível local, não se registando mesmo inscrio na pesca ao largo.

## Pescadores, 2009

	Açores	Portugal	Açores/Portugal (%)
Local.....	1 993	7 362	27,1
Costeiro.....	766	7 436	10,3
Largo.....	0	475	0,0
<b>Total.....</b>	<b>2 759</b>	<b>15 273</b>	<b>18,1</b>

Fonte: INE.

A laboraco daqueles pescadores foi restringida em 1281 dias de incapacidade operacional e a sinistralidade atingiu 61 casos de activos nas artes de pesca.

A gravidade destes indicadores situa-se a um nível moderado, se se considerarem as proporoes de meios materiais e humanos envolvidos.

## Sinistralidade e Dias de Incapacidade, 2009

	Açores	Portugal	Açores/Portugal (%)
Mortos.....	0	2	0,0
Feridos.....	73	1 191	6,1
Dias de incapacidade.....	1 281	25 871	5,0

Fonte: INE.

## 8. ENERGIA

### *Electricidade*

Do volume total de 829,1 Gwh gerados no sistema electroprodutor, durante o ano de 2009, foram consumidos pelos clientes (famílias, empresas e entidades públicas) 756,7 Gwh.

A diferença entre a energia eléctrica produzida nos centros geradores e a consumida pelos utilizadores finais corresponde a 72,4 GWh perdidos ao longo das redes e sistemas de distribuição.

### Electricidade – Balanço

	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009
Produção..	600,9	641,2	702,7	750,1	780,7	804,9	823,7	829,1
Perdas .....	75,1	81,1	80,7	82,6	77,5	76,6	70,0	72,4
Consumo ..	525,8	560,1	622,0	667,5	703,2	728,3	753,7	756,7

Fonte: EDA.

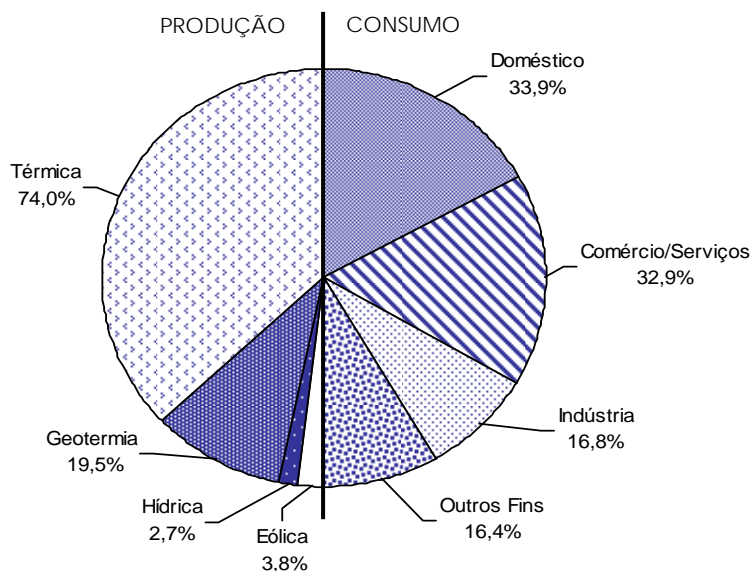
O crescimento da produção em 2009 voltou a se alimentado pela actividade das unidades geradoras de energia térmica e de renovável eólica. As outras fontes ainda significativas de energia, as renováveis de geotermia e de hídrica, registaram decréscimos de produção.

Neste contexto, o volume de energia com origem em fontes renováveis não acompanhou a evolução média geral, implicando um reforço da fonte mais convencional de energia térmica, que atingiu uma quota de 74% do total.

No consumo de electricidade, os sectores doméstico e de comércio/serviços continuaram a ocupar cada um cerca de 1/3 do total. O terço complementar foi repartido em partes sensivelmente equivalentes entre indústrias e "outros fins", destacando-se nestes os que assumem características públicas.

Em termos de evolução anual durante o 2009, salienta-se a redução no âmbito do sector de serviços comerciais e públicos.

**Estrutura da Produção e Consumo de Electricidade – 2009**



Observando a distribuição de variáveis por ilhas destaca-se que:

- os dados sobre produção total e sobre o número de consumidores evidenciam diferenças de dimensão;
- os indicadores de produção renovável e de consumo médio reflectem aspectos decorrentes das diferenças de natureza territorial e de estruturas económicas e sociais.

**Distribuição por Ilhas - 2009**

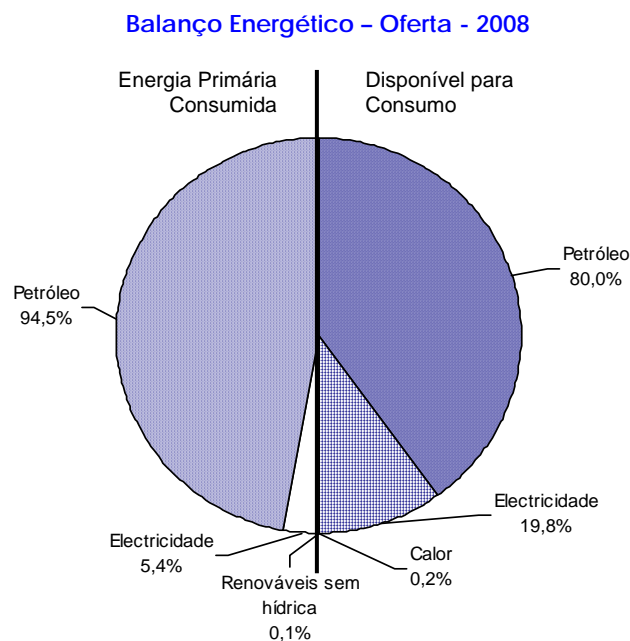
	SMA	SMG	TER	GRA	SJO	PIC	FAI	FLO	COR	RAA
Produção total (GWh) .....	21,1	442,5	210,7	13,8	29,3	45,6	52,8	11,9	1,4	829,1
Produção renovável (%) ...	10,0	40,5	7,6	11,3	7,5	11,2	5,0	53,7	0,0	26,0
Consumidores (nº de instalações) .....	3 522	59 787	26 385	3 112	5 658	8 889	7 682	2 370	256	117 661
Consumo médio (MWh / nº instalações) .....	5,4	6,8	7,3	4,1	4,7	4,5	6,1	4,8	4,6	6,4

Fonte: EDA.

### Balanço Energético

Segundo os últimos dados disponíveis, já analisados no ano anterior, a oferta de energia primária na Região Autónoma dos Açores baseia-se em diversas combustíveis fósseis (petróleo e derivados), sendo complementada por fontes renováveis (hídrica, geotérmica, eólica, ...) utilizadas directamente na produo de electricidade, numa proporo de cerca de 5% do total daquela energia primária.

Com a incorporao de novas formas de energia, particularmente através do sistema electroprodutor, a oferta disponível para consumo final continua a basear-se em combustíveis fósseis, mas o fornecimento através de electricidade assume a proporo de 1/5 do total.



Pelo outro lado, o da procura final por parte de consumidores individuais, de empresas e de entidades com características públicas, observam-se utilizaoes das diferentes formas de energia em proporoes variáveis.

O sector de transportes revela-se como o maior utilizador final da energia disponível, consumindo cerca de 41% do total e sendo toda, isto , 100%, na forma de energia primária de combustíveis fósseis – petróleo e derivados.

O sector de serviços consome cerca de 24% da energia disponível, recorrendo já à forma de electricidade numa proporção de 39%.

O sector doméstico ocupa a terceira posição em termos de consumo final com cerca de 13% do total disponível, sendo que recorre proporcionalmente mais à electricidade, atingindo esta forma cerca de 54% da energia consumida nos lares.

Nos restantes sectores, a saber, das indústrias, da construção e obras públicas e de actividades do sector económico primário, o consumo de energia através de combustíveis fósseis é predominante, sendo mesmo absoluto nas pescas.

### Balanzo Energético – Procura

#### Consumo Final de Energia

Unidade: %

Quota de Procura	Sector	Distribuição por fontes			
		Petróleo	Electricidade	Outras	Total Geral
40,6	Transportes .....	100,0	0,0	0,0	100,0
24,0	Serviços .....	60,7	39,3	0,0	100,0
12,6	Doméstico .....	46,2	53,8	0,0	100,0
10,6	Indústrias .....	69,1	29,2	1,7	100,0
5,7	Construção e O.P. ....	96,5	3,5	0,0	100,0
4,5	Agricultura .....	92,4	7,3	0,3	100,0
2,0	Pescas .....	100,0	0,0	0,0	100,0
100,0	Total .....	80,0	19,8	0,2	100,0

Fonte: Direcção Geral de Energia e Geologia.

## 9. COMÉRCIO COM O ESTRANGEIRO

Segundo os dados relativos às trocas comerciais com mercados de países estrangeiros, o volume de negócios tem-se situado nos últimos anos numa ordem de grandeza superior a 100 milhões de euros.

Em 2008, para um volume total de trocas de 133,6 milhões de euros, cerca de 87 milhões de euros corresponderam a compras e 47 milhões de euros a vendas.

Assim, a cobertura das despesas com compras pelas receitas com as vendas traduziu-se numa taxa média de 53,6% naquele ano de 2008.

### Comércio com o Estrangeiro, intra e extra comunitário

1 000 Euros

	2005	2006	2007	2008
Entradas.....	54 971	122 912	78 645	86 975
Saídas.....	34 238	23 888	40 948	46 658
<b>Total.....</b>	<b>89 209</b>	<b>146 800</b>	<b>119 593</b>	<b>133 633</b>
Taxa de Cobertura .....	62,3	19,5	52,1	53,6

Fonte: INE/SREA.

A distribuição do comércio segundo as grandes categorias de bens transaccionados mostra elevada representatividade de produtos alimentares e bebidas, de forma mais particular no segmento de saídas ou exportações.

A categoria de combustíveis representa uma quota significativa entre as vendas ao exterior mas, atendendo à sua natureza, decorrerá de funções de abastecimento a meios de transporte no âmbito de tráfego internacional.

Já as categorias de bens de indústrias transformadoras e para investimentos em capital fixo integram-se mais numa tipologia de segmentos de importação ou entradas comerciais.

## Comércio com o Estrangeiro, grandes categorias

1 000 Euros

	Entradas			Saídas		
	2006	2007	2008	2006	2007	2008
Produtos Alimentares e Bebidas .....	30 953	26 598	37 771	16 186	25 970	39 739
Fornecimentos Industriais - Não Especificados Noutras Categorias.....	39 351	29 131	39 188	244	130	611
Combustíveis.....	20 810	6	...	4 247	11 084	12 819
Máquinas, Outros Bens de Capital (Excepto Material de Transporte) .....	21 103	9 669	5 374	744	952	473
Material de Transporte.....	4 913	11 362	1 357	1 134	640	...
Bens de Consumo Não Especificados Noutras Categorias.....	6 711	1 879	3 150	1 188	777	577
Outros Produtos.....	0	0	...	146	1 395	...

Fonte: INE/SREA.

A distribuição segundo zonas económicas e países aponta, simultaneamente, para a importância de mercados que apresentam um certo nível de estruturação e para sinais de alguma abertura.

Os mercados mais estruturados continuam a revelar-se por volumes de negócio relativamente maiores com países da EU e por alguma ligação de continuidade tradicional para EUA e Canadá.

Já trocas comerciais com outros mercados diversos parecem reproduzir ou, mesmo, alargar a sua representatividade em termos de valores agregados das respectivas de trocas anuais. O exemplo das exportações para os PALOPs, particularmente Angola e Cabo Verde, parecem integrar-se numa lógica de maior abertura.

## Comércio Internacional por Zonas e Países

1 000 Euros

	Entradas/Importações			Saídas/Exportações		
	2006	2007	2008	2006	2007	2008
União Europeia .....	74 674	34 062	47 566	11 815	19 643	21 481
EUA .....	10 962	5 184	4 638	3 104	3 070	3 584
Canadá .....	1 626	369	472	2 853	1 783	2 358
Brasil.....	581	6 774	212	-	35	...
PALOP (s) .....	-	X	...	1 267	2 671	2 999
Outros.....	35 069	32 256	34 087	4 849	13 746	16 236

Fonte: INE/SREA.



## 10. TURISMO

Durante o ano de 2009, a procura turística nos diversos tipos de alojamento de hotelaria inquiridos pelo Serviço Regional de Estatística dos Açores somou o total de 1,1 milhões de dormidas, representando um decréscimo de -9.7% em relação ao ano anterior.

Por outro lado, a capacidade média da oferta mensal de 9678 camas manteve, praticamente, a dimensão ao longo do mesmo período de tempo.

Assim, o nível de utilização média da capacidade disponível evoluiu numa proporção idêntica à da procura.

Mais concretamente, a taxa de ocupação média nas unidades de hotelaria situou-se em cerca de 31% em 2009, enquanto no ano anterior fora de 35%.

### Oferta e Procura Turísticas na Hotelaria

Ano	Capacidade (1)				Dormidas			
	Hotelaria Tradicional	Turismo em espaço rural	Outros (2)	Total	Hotelaria Tradicional	Turismo em espaço rural	Outros (2)	Total
2003	5 967	276	462	6 705	804 028	16 710	23 130	843 868
2004	7 062	273	444	7 779	965 049	17 553	24 424	1 007 026
2005	8 075	313	395	8 783	1 136 452	19 381	17 843	1 173 676
2006	8 211	350	555	9 116	1 179 371	19 755	24 543	1 223 669
2007	8 153	609	735	9 497	1 184 375	19 679	87 018	1 291 072
2008	8 339	721	615	9 676	1 127 513	18 541	81 423	1 227 477
2009	8 316	820	543	9 678	1 004 804	20 603	82 723	1 108 130

(1) Média anual da oferta mensal de camas.

(2) Casas de hóspedes, Colónias de férias / Pousadas da Juventude, Parques de campismo e Alojamentos particulares.

Fonte: SREA, Estatísticas do Turismo.

Aquele decréscimo da procura, medido através do número de dormidas, foi observado nos dois grandes segmentos de mercado, isto é, no de

hóspedes residentes em Portugal e no de residentes em diversos países estrangeiros.

A sua concretização decorreu não só através da redução do próprio número de turistas hospedados, como da respectiva estadia média, que atingiu proporções mais expressivas entre os clientes com residência nos mercados estrangeiros.

### Procura – Principais Mercados

Hóspedes (milhares) e estadias (dormidas/hóspede),  
segundo a residência / nacionalidade

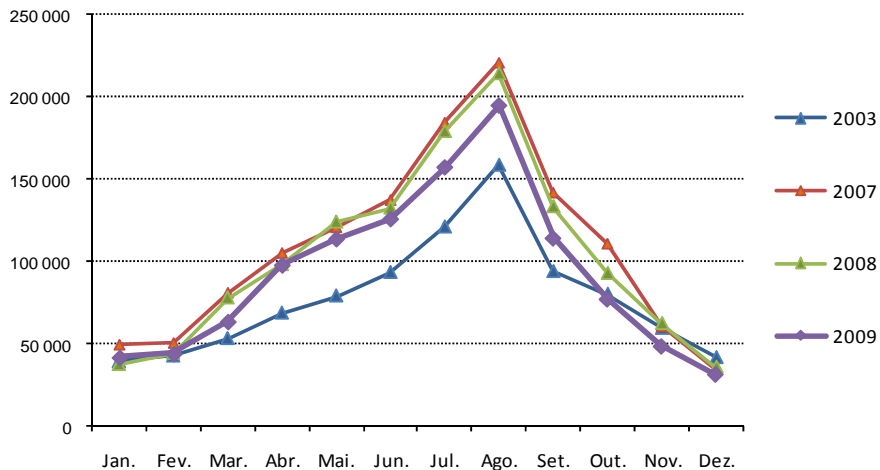
	Hóspedes R. Portugal	Hóspedes R. Estrangeiro	Estadia R. Portugal	Estadia R. Estrangeiro
2003	181,3	92,6	2,8	4,5
2004	204,7	108,7	2,8	4,7
2005	206,7	140,0	2,7	4,9
2006	222,1	146,9	2,6	4,7
2007	237,0	146,6	2,6	4,6
2008	234,0	148,1	2,6	4,2
2009	221,8	135,6	2,5	4,0

A distribuição intra-anual da procura em 2009 revela decréscimos mais acentuados em meses da época alta. Esta evolução é evidente do ponto de vista particular daquele ano, mas não afectando significativamente o padrão dos últimos anos.

Efectivamente, o decréscimo nos meses da época alta em 2009 afastou-se da respectiva distribuição nos meses dos anos imediatamente anteriores, de 2007 e de 2008, mas de qualquer forma manteve-se mais próximo das distribuições destes anos, do que da distribuição de uma fase distinta de crescimento e de sazonalidade como a observada em 2003.

### Sazonalidade

#### Distribuição intra-anual das dormidas



O total das receitas de exploração hoteleira registou um decréscimo significativo em 2009. Esta evolução decorreu do factor quantidade, em termos da redução do número de dormidas referido inicialmente, uma vez que o factor preço registou um efeito positivo.

De facto, medindo o factor preço pela receita de uma diária média (receita total/nº de dormidas), observa-se um crescimento de 2,6% em 2009 e a inflação, calculada no mesmo período através do Índice de Preços no Consumidor, correspondeu a 0,8%.

Por outro lado, o total das despesas com pessoal registou uma evolução moderada, superando a do ano anterior apenas em termos nominais.

### Exploração das unidades hoteleiras

#### Receitas e Despesas

Unidade: 1 000 euros

Anos	Receitas totais	Receitas de aposentos	Despesas com pessoal
2003	40 331,1	28 149,2	15 400,0
2004	46 970,4	32 327,6	17 775,7
2005	52 952,6	36 678,2	20 075,0
2006	55 954,4	38 780,4	19 829,1
2007	56 808,6	39 854,4	19 087,6
2008	56 266,0	39 639,0	20 206,0
2009	50 578,2	36 621,5	20 349,1

Fonte: SREA, Estatísticas do Turismo.

Na hotelaria tradicional os estabelecimentos distinguem-se pela dimensão traduzida em maior capacidade de alojamento e de pessoal ao serviço, permitindo economias de escala em relação ao número de clientes hospedados.

Já pequenas unidades mais dispersas e com características potenciais para maior difusão territorial encontram as formas mais representativas nos estabelecimentos de turismo em espaço rural e de casas de hóspedes.

Se os hóspedes na hotelaria tradicional proporcionam-lhe os melhores níveis de ocupação, é no turismo em espaço rural que se observa a máxima atractividade por residentes no estrangeiro e é nas casas de hóspedes que o efeito de sazonalidade é mais equilibrado.

Os mais elevados proveitos de venda gerados por noite de estadia são registados no turismo em espaço rural, enquanto as mais elevadas margens brutas de resultados financeiros em relação às respectivas despesas com pessoal são registadas nas casas de hóspedes.

**Dados de síntese e estruturas**  
Distribuição de variáveis em 2009

Variáveis	Hotelaria Tradicional	Turismo em Espaço Rural	Casas de Hóspedes	Total
Estabelecimentos .....	48,6	34,7	16,7	100
Capacidade de alojamento .....	85,9	8,5	5,6	100
Pessoal ao serviço .....	93,4	4,7	1,9	100
Hóspedes .....	96,8	1,8	1,4	100
Dormidas (total) .....	95,5	2,0	2,5	100
Dormidas (resid. estrangeiro) .....	96,5	2,6	0,9	100
Dormidas (época baixa *) .....	95,9	1,1	3,1	100
Proveitos totais .....	97,2	1,9	0,9	100
Proveitos de aposento .....	96,4	2,4	1,2	100
Despesas com pessoal .....	98,3	1,3	0,4	100

\* Para efeitos de cálculo considerou-se a agregação do 1º com o 4º trimestre.

## 11. TRANSPORTES

Em 2009, o tráfego de passageiros nos transportes colectivos terrestres registou decréscimos significativos nos diversos segmentos, sendo, todavia, mais acentuado nas carreiras urbanas que registaram uma taxa média anual de -14,4%, enquanto nas inter-urbanas a respectiva taxa foi de -5,8%.

Aliás, nas próprias carreiras inter-urbanas o decréscimo foi relativamente mais forte entre lugares mais próximos, onde a distância média percorrida por passageiro é menor. Efectivamente, para lugares mais afastados, o indicador passageiros-quilómetro, que inclui na sua medida o factor distância, revelou maior moderação ao registar a taxa de -5,0%.

### Tráfego de Passageiros nos Transportes Colectivos Terrestres

Carreiras		2006	2007	2008	2009
<i>Inter-Urbana</i>	Passageiros	7 622 676	7 779 191	7 784 658	7 329 742
	Passageiros/km	95 224 608	94 056 342	96 450 692	91 627 023
<i>Urbana</i>	Passageiros	1 149 434	1 178 293	1 169 407	1 000 639
	Passageiros/km	7 451 334	7 779 755	7 260 846	6 258 470

Fonte: SREA.

O tráfego de passageiros embarcados e desembarcados nos portos comerciais registou um total de 957 milhares de movimentos em 2008. Este volume de tráfego representou um decréscimo de -2,9% em relação ao ano anterior.

O tráfego de 678 milhares de passageiros movimentados nos portos do canal entre as ilhas do Pico e do Faial correspondeu a cerca de 71% do total.

### Movimento de Passageiros nos Portos Comerciais

	2006	2007	2008	2009
<b>Total.....</b>	<b>871 050</b>	<b>954 948</b>	<b>954 948</b>	<b>957 182</b>
Canal Horta – Madalena .....	660 764	691 238	691 238	678 266

Fonte: SREA.

O total dos movimentos de passageiros nos aeroportos, que já tinha registado um decréscimo em 2008, intensificou a tendência ao longo do ano de 2009, ao mesmo que a foi alargando aos diversos tipos de tráfego.

De facto, depois de um decréscimo de cerca de -1,0% em 2008, acentuou-se para o de -2,7% em 2009 e, paralelamente, o sentido negativo já verificado nos tráfegos com o exterior (primeiro no internacional e depois no territorial) atingiu o tráfego interno.

#### Movimento de Passageiros nos Aeroportos, segundo o tipo de tráfego

	Inter-ilhas	Territorial	Internacional	Total
2003	751 555	626 404	163 574	1 541 533
2004	804 604	654 588	184 532	1 643 724
2005	786 258	668 890	223 453	1 678 601
2006	827 567	695 955	228 378	1 751 900
2007	851 401	718 860	228 117	1 798 378
2008	856 017	708 221	216 954	1 781 192
2009	840 969	701 309	191 645	1 733 923

Fonte: SREA.

#### Crescimento de Tráfego de Passageiros nos Aeroportos

Taxa média anual em %

	Inter-ilhas	Territorial	Internacional	Total
2007	2,9	3,3	-0,1	2,7
2008	0,5	-1,5	-4,9	-1,0
2009	-1,8	-1,0	-11,7	-2,7

O volume de 2,78 milhões de toneladas de cargas movimentadas nos portos comerciais em 2009 representa um decréscimo de -4,3% em relação ao ano anterior. Esta evolução dá seguimento ao decréscimo de tráfego já registado em 2008 que, então, representara a interrupção de uma tendência geral de crescimento, por ventura com alguma desaceleração, mas assegurando variações médias anuais positivas.

Já o volume total de 10,6 mil toneladas de cargas movimentadas nos aeroportos também registou um decréscimo em relação ao ano anterior, mas situa-se num contexto de funcionamento e de efeitos com significado estrutural diferente.

**Cargas Movimentadas**

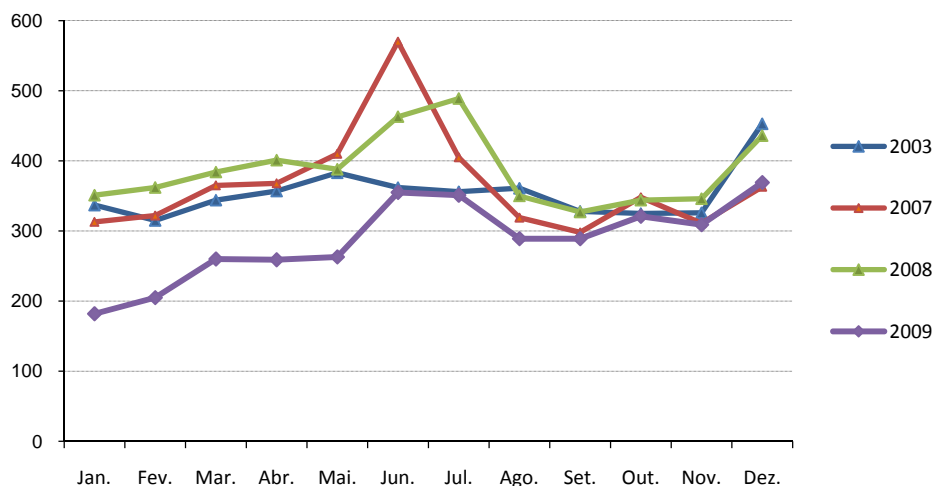
	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009
Aeroportos .....	13,3	12,7	13,2	11,9	11,3	11,7	10,6
Portos .....	2 726,9	2 797,1	2 825,6	2 857,5	3 050,1	2 905,4	2 780,9
<b>Total.....</b>	<b>2 740,2</b>	<b>2 809,8</b>	<b>2 838,8</b>	<b>2 869,4</b>	<b>3 061,4</b>	<b>2 917,1</b>	<b>2 791,5</b>

Fonte: SREA.

O número de 3 452 automóveis novos comercializados representa uma redução no respectivo volume anual de vendas em -25,6%. Esta quebra de vendas atingiu com intensidades semelhantes os segmentos de automóveis ligeiros e de comerciais.

Todavia, terá correspondido a um fenómeno com incidência particular e temporalmente restrita. Efectivamente, comparando a distribuição mensal das vendas em 2009 com as dos anos imediatamente anteriores (2008 e 2007) e com a do ano de 2003 quando também se registou uma quebra anual significativa, verifica-se que o fenómeno se concentrou basicamente no primeiro semestre, aproximando-se depois do padrão corrente, onde se inclui uma certa intensificação sazonal em Dezembro.

**Automóveis novos vendidos mensalmente**



**Automóveis novos vendidos, por Tipo e por Ano**

	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009
<b>Total.....</b>	<b>4 247</b>	<b>4 354</b>	<b>4 784</b>	<b>4 767</b>	<b>4 392</b>	<b>4 641</b>	<b>3 452</b>
Automveis Ligeiros.....	3 151	3 353	3 806	3 655	3 249	3 669	2 710
Passageiros.....	3 135	3 345	3 799	3 648	3 238	3 660	2 694
Mistos.....	16	8	7	7	11	9	16
Automveis Comercias.....	1 096	1 001	978	1 112	1 143	972	742

Fonte: SREA, Séries Estatísticas e Boletim Trimestral de Estatística.

Segundo os dados do Instituto de Seguros de Portugal, o número de veculos cobertos contra riscos de viao em 2009, quer os transitados do parque automóvel do ano anterior, quer os novos que entraram durante o ano, somaram um total de 116 306 unidades nos Açores.

A distribuio segundo os principais escalões de idade dos veículos seguros mostra que, apesar de um certo envelhecimento do parque automóvel, o escalão intermédio de 5 a 10 anos continuou a apresentar a frequência mais elevada nos Açores, ao passo que no conjunto do país o escalão de idade superior a 10 anos foi o mais representativo.

**Parque Automóvel Seguro, por classes de idade em 2009**

	Número de veículos	Distribuio por idade (%)			
		Menos de 5 anos	Entre 5 e 10 anos	Mais de 10 anos	Total
Açores.....	116 306	25,0	41,0	34,0	100
País.....	6 343 006	21,5	34,2	44,3	100

Fonte: Instituto de Seguros de Portugal.



## 12. EDUCAÇÃO

No ano lectivo de 2008/2009, as matrículas de 51 707 alunos nas escolas de ensino oficial e particular na Região Autónoma dos Açores incorporam um acréscimo de 36 alunos em relação ao ano anterior, traduzindo-se numa taxa de variação anual de 0,1%.

Estes números podem ser interpretados, eventualmente, como representativos de um crescimento moderado. Todavia, quando contextualizados em tendências de evolução e de elementos de variação, revelam aspectos significativos.

De facto, mesmo com uma intensidade de crescimento moderada, o seu sentido de variação positiva foi suficiente para contrariar a tendência negativa que se tem vindo a registar no número de matrículas de ingresso no sistema de ensino, por efeito de menores índices de natalidade. E estes efeitos continuaram a existir, e a fazer-se sentir, mas foram compensados e superados por matrículas em novas oportunidades alternativas.

Realmente matricularam-se menos 101 alunos no conjunto do currículo regular que reflecte mais as matrículas de ingresso mas, por outro lado, matricularam-se mais 137 no âmbito dos diversos currículos alternativos.

### Matrículas nas Escolas da Região, por Ano de Escolaridade

#### Ensino Oficial e Particular

Anos Lectivos	Currículo Regular					Progra- ma Cida- dania	Ensino Recor- rente	Progra- ma Opor- tunidade	PROFUJ	UNECA PERE	Ensino Profis- sional	Total Geral
	Jl	1.º Ciclo	2.º Ciclo	3.º Ciclo	Sec.							
1997/98	6 977	18 659	9 523	11 320	9 028		2 728				458	58 693
1998/99	6 803	18 157	9 033	11 274	8 602		2 288		356		627	57 140
1999/00	6 793	17 638	8 730	11 017	8 473		1 633		373		747	55 404
2000/01	7 341	17 254	8 322	11 390	7 613		1 709		318		1 118	55 065
2001/02	7 318	16 448	8 340	10 587	7 342	112	2 292	776	339		1 411	54 965
2002/03	7 634	16 292	7 993	10 337	6 936	111	1 675	815	330		1 971	54 094
2003/04	7 710	16 125	8 007	9 517	6 831	52	1 026	1 151	917		2 358	53 244
2004/05	8 121	15 926	7 809	9 359	6 504	60	941	1 117	1 220		2 391	53 448
2005/06	7 894	15 389	7 471	9 160	6 266	37	814	1 126	1 403		2 884	52 444
2006/07	7 779	14 675	7 121	9 133	5 783	75	874	538	1 290	2 083	2 554	51 905
2007/08	7 822	13 813	7 070	9 191	5 976	42	1 037	365	1 432	2 205	2 711	51 671
2008/09	7 742	13 726	6 906	9 184	6 220	55	869	405	1 605	2 149	2 846	51 707

Fonte: Direcção Regional da Educação - Estatísticas da Educação.

A frequência escolar nos grupos etários que fazem parte da escolaridade obrigatória, entre os 6 e os 14 anos, abrange todo o universo populacional potencialmente escolarizável.

A partir destes grupos etários, a taxa de escolarização apresenta valores decrescentes à medida que se afasta em qualquer dos sentidos, quer de grupos etários com mais idade que irão saindo do sistema de ensino para ingressarem no mercado de trabalho, quer de grupos etários com idades progressivamente menores que dispõem de ligações familiares mais intensas.

Observando a evolução ao longo dos últimos anos torna-se visível que a abrangência etária da escolarização vem sendo cada vez mais ampla.

### Taxas de Escolarização por Idades e Anos Lectivos Ensino Oficial e Particular

IDADES	2003/04	2004/05	2005/06	2006/07	2007/08	2008/09
3 anos.....	46,6	50,8	49,7	57,8	58,5	59,5
4 anos.....	74,2	85,9	82,2	85,4	82,0	86,2
5 anos.....	100,0	99,6	100,0	98,4	100,0	97,4
6 anos.....	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
7 anos.....	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
8 anos.....	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
9 anos.....	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
10 anos.....	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
11 anos.....	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
12 anos.....	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
13 anos.....	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
14 anos.....	98,3	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
15 anos.....	86,0	87,2	92,0	94,1	97,8	99,5
16 anos.....	73,7	77,6	81,0	77,0	83,5	91,9
17 anos.....	60,2	65,6	69,6	63,4	68,3	72,1
18 anos.....	40,2	39,3	44,6	34,5	40,7	41,3
19 anos.....	26,4	25,0	27,1	23,2	24,8	25,3

Fonte: Direcção Regional da Educação - Estatísticas da Educação.

Nos anos que fazem parte da escolaridade obrigatória os alunos que transitam de ano ou que concluem definitivamente um ciclo é proporcionalmente superior.

Nos anos de frequência voluntária o sucesso ou aproveitamento escolar tem vindo a registar progressos que se traduzem em taxas com níveis de concretização cada vez mais amplos.

Estes progressos vêm permitindo aproximações aos níveis observados na escolaridade obrigatória. Todavia, regista-se que a taxa de 61,1% no último ano lectivo corresponde a um certo desvio em relação à tendência geral.

**Aproveitamento Escolar, por Ano de Escolaridade (a)**  
**Taxas de Transição ou de Conclusão**  
Ensino Oficial e Particular – Currículo Regular

Ano de Escolaridade	02/03	03/04	04/05	05/06	06/07	07/08	08/09
4º .....	82,8	85,3	87,0	94,9	92,7	86,4	85,9
6º .....	75,9	77,1	79,6	90,3	90,7	90,7	91,9
9º .....	73,2	74,9	78,0	87,0	88,4	87,2	85,4
12º .....	45,5	44,6	54,1	50,5	65,5	66,9	61,1

a) Consideraram-se como representativos os anos terminais de cada ciclo do ensino básico e secundário.

Fonte: Direcção Regional da Educação - Estatísticas da Educação.

No ano lectivo de 2008/09, a rede pública manteve as mesmas 39 unidades orgânicas, sendo 16 Básicas Integradas, 8 Secundárias, 12 Básicas e Secundárias, 2 de Ensino Artístico e 1 de Ensino Profissional.

Entretanto, a rede de escolas oficiais com 322 edifícios e 2794 espaços escolares incorporou diversas valorizações patrimoniais decorrentes dos

**Distribuição por ilhas**  
Ensino Oficial – 2008/09

	SMA	SMI	TER	GRA	SJO	PIC	FAI	FLO	COR	AÇORES
Unidades orgânicas ..	1	20	6	1	3	3	3	1	1	39
Edifícios Escolares .....	7	170	73	9	20	25	13	4	1	322
Espaços Escolares .....	73	1 573	596	60	119	159	154	47	13	2 794
Pessoal docente .....	99	2 381	969	68	209	295	264	91	14	4 422

Fonte: Direcção Regional de Educação.

investimentos que, incluindo aspectos de capacidade ou dimensão, se alargaram a aspectos de modernização e de natureza mais pedagógica.

Os dados sobre pessoal docente afecto aos estabelecimentos de ensino da rede pública reflectem apenas a situação no final do ano.

### 13. DESPORTO

Na época desportiva de 2008/2009 as actividades desenvolvidas pelas respectivas federações registaram a participação de 21 359 atletas inscritos nas diversas modalidades, representando um acréscimo de 1,2% em relação ao ano anterior.

A organização e o acompanhamento das actividades federadas foram assegurados por 1 568 técnicos, 1 083 árbitros/juízes e 1 543 dirigentes e outros agentes desportivos.

O número de técnicos registou um crescimento particularmente intenso, ultrapassando significativamente o número esperado em termos de tendência dos últimos anos. Assim, registaram-se melhorias nos respectivos índices de enquadramento, potenciando a formação de equipas e grupos de participantes.

Já a outros níveis de enquadramento, leia-se arbitragem e dirigismo, observou-se uma maior estabilidade no volume de elementos envolvidos.

#### Evolução Desportiva

	2006	2007	2008	2009
Atletas.....	20 021	20 419	21 102	21 359
Técnicos .....	806	816	938	1 568
Árbitros / Juízes.....	980	902	1 062	1 083
Dirigentes / Outros Agentes.....	1 542	1 572	1 533	1 543
Clubes / Entidades .....	342	349	358	408
Equipas / Grupos Praticantes .....	1 178	1 196	1 222	1 266

Entre as diversas modalidades, a de futebol de onze continua a dispor da maior implantação pelo volume de atletas e de estruturas que envolve.

Todavia, outras modalidades têm-se revelado com graus de atractividade mais progressivos, já que nos últimos anos registam maiores acréscimos de inscrições, como é o caso do futsal, do karaté ou da natação.

Indicadores – Época de 2008/2009

Modalidades	Atle-tas	Técni-cos	Árbi-tros/Juizes	Diri-gentes/outros agentes	Clubes/Enti-dades	Equipas/Grupos Prati-cantes	Nº jogos provas locais	Nº Part. provas régio-nais	Nº Part. provas na-cionais	Dur. Época	Conc.	Nº acções de formação ag. desp. não prat.	Nº acções de formação agen. desp. prat.
Andebol	964	29	39	48	12	69	410	504	132	7	6	11	0
Atletismo	1 401	62	177	41	29	63	782	337	233	9	11	10	1
Automobilismo	219	0	0	0	4	21	0	0	0	0	4	0	0
Badminton	313	12	0	11	12	10	104	57	3	7	4	3	0
Basquetebol	1 508	76	119	72	20	102	849	519	310	8	8	19	1
Bowling	92	0	0	0	1	7	16	0	1	9	1	0	0
Bridge	28	5	4	5	1	2	114	0	26	11	1	0	0
Canoagem	108	3	4	4	7	2	94	81	10	8	6	1	0
Ciclismo	146	0	0	0	6	4	100	0	20	8	3	1	0
Columbofilia	43	0	0	0	2	3	0	42	0	4	2	0	0
Corridas em Patins	237	16	30	11	4	9	72	81	66	5	3	2	0
Dança Desportiva	74	0	0	0	0	0	60	0	0	6	2	2	0
Equitação (Hipismo)	201	2	8	0	4	6	72	31	10	2	4	1	0
Esgrima	38	4	2	2	1	0	0	96	42	1	1	0	0
Futebol 11	4 510	251	124	710	58	218	2 566	868	528	9	6	12	2
Futsal	1 794	88	64	298	51	120	1 485	120	12	9	6	11	0
Ginástica Aeróbica	128	2	22	2	5	7	38	128	73	5	2	4	0
Ginást. Rítmica Desp.	94	3	11	3	1	7	32	106	22	5	1	2	0
Golfe	515	2	1	17	2	46	349	439	82	12	2	1	0
Hóquei em Patins	364	24	10	27	6	29	176	153	50			3	0
Jetski	119												
Judo	812	49	70	36	13	40	82	136	246	6	7	5	0
Karaté	1 094	42	62	13	21	46	332	171	48	9	10	14	0
Kickboxing/Full-C	577	16	22	43	12	28	168	79	40	7	8	1	0
Motociclismo	46	0	0	0	4	1	0	179	10	0	4	0	0
Natação	729	31	123	13	6	46	258	301	80	9	4	4	0
Parapente	36												
Patinagem	146	6	21	2	5	2	49	25	24			1	0
Pesca Desportiva													
Pesca Desp. Alto Mar	41	0	0	0	3	2	22	32	12	8	3	0	0
Surf	40	0	0	0	1	2	18	0	0	5	1	1	0
Ténis	1 078	17	10	32	7	91	90	347	122	9	5	3	0
Ténis de Mesa	872	44	36	39	15	48	553	145	91	5	7	1	0
Tiro	74	0	0	0	5	5	66	52	22	11	5	0	0
Tiro com Arco	27	3	0	0	2	0	73	0	28	11	2	0	0
Tiro de Precisão	185	10	8	18	4	16	76	111	40	10	4	1	0
Trampolins	8	1	6	1	1	0	0	0	0	0	1	0	0
Triatlo	10	0	0	0	1	1	10	11	0	9	1	0	0
Vela	397	24	14	1	12	17	31	316	43	6	12	3	0
Voleibol	2 623	141	78	105	28	210	1 453	948	348	8	14	36	13
Voleibol de Praia													
Xadrez	230	44	24	10	11	2	50	177	60	6	8	2	0
<b>TOTAL</b>	<b>21 921</b>	<b>1 007</b>	<b>1 089</b>	<b>1 564</b>	<b>377</b>	<b>1 282</b>	<b>10 650</b>	<b>6 592</b>	<b>2 834</b>			<b>155</b>	<b>17</b>
					a) 249								

a) Total de clubes efectivamente existentes, já que muitos desenvolvem mais de uma modalidade.

## 14. CULTURA

A rede de museus da Região Autónoma dos Açores registou um total de visitas na ordem de 94 milhares durante o ano de 2009.

A distribuição do total das visitas entre os diversos museus mostra certa relação com a dimensão da ilha onde se localiza, ao mesmo tempo que inclui variações associáveis a características específicas das diversas unidades museológicas da rede regional e a circunstâncias de integração e evolução em contexto envolvente mais global.

Assinale-se o caso das unidades museológicas agregadoras das actividades sobre os temas da Baleia, da Indústria baleeira e do Vinho na ilha do Pico, cuja procura por visitantes nacionais e estrangeiros representa cerca de metade do registado a nível regional.

### Evolução Anual do N° de Entradas nos Museus

	2006	2007	2008	2009
Santa Maria.....	1 295	2 270	1 109	663
São Miguel.....	26 417	10 472	13 756	15 898
Terceira .....	8 166	8 411	13 805	10 786
Graciosa .....	12 791	6 339	8 710	9 431
São Jorge.....	2 318	2 064	2 692	2 227
Pico.....	34 431	26 893	30 503	48 605
Faial.....	9 629	9 707	4 503	4 325
Flores.....	1 666	1 466	2 049	1 900
Total.....	96 713	67 622	77 127	93 835

Fonte: DRC.

O movimento anual nas Bibliotecas públicas e Arquivos regionais de Ponta Delgada, de Angra do Heroísmo e da Horta registaram os totais de 101 milhares de leitores e 74 milhares de documentos requisitados.

Estes dados apontam no sentido de um número significativo de leitores que centram a atenção na análise de um mesmo documento.

Aliás, esta característica parece ter vindo a acentuar-se, já que a evolução do número de documentos tem sido proporcionalmente inferior à dos respectivos leitores.

#### Evolução de Leituras nas Bibliotecas e Arquivos

Ano	Leitores	Documentos
2006	90 755	136 637
2007	120 703	128 356
2008	118 139	85 070
2009	101 036	74 308

Fonte: Direcção Regional da Cultura.

No âmbito dos apoios da tutela da cultura em relação às respectivas entidades, destacam-se os casos de 14 em artes plásticas, 20 em teatro, 71 em folclore e 127 em expressões musicais, agregando estas últimas cerca de uma centena de filarmónicas e algumas dezenas de coros e tunas.



## 15. SAÚDE

A actividade dos centros de saúde integrou-se em objectivos de saúde pública que, além de concretizar-se em acções de base preventiva já obrigatória e com padrões de implementação mais regularizados como a vacinação de bebés e de crianças, também terá envolvido campanhas e cuidados mais específicos em termos de necessidades mais pontuais, tendo em 2009 atingido as 69 973 inoculações.

Aquele volume total de inoculações ao longo do ano de 2009 implicou um crescimento de 9,7% que, pela intensidade atingida, terá incorporado uma componente significativa de vacinação com vista a circunstâncias específicas daquele ano.

Se a evolução das inoculações registou um crescimento significativo em 2009, as consultas e os atendimentos nas urgências das unidades (centros de saúde mais hospitais) do serviço de saúde regional mantiveram-se a um ritmo mais moderado e regular.

Poderá mesmo afirmar-se que o volume de urgências se integrou numa linha de estabilidade dos últimos anos, enquanto no volume de consultas continuou a verificar um desvio das realizadas nos centros de saúde para as realizadas nos hospitais.

### Consultas e Urgências

	2004	2005	2006	2007	2008	2009
Consultas.....	473 958	481 555	507 715	508 567	558 002	558 049
Centros de Saúde* ...	286 350	291 897	313 939	302 075	332 082	315 935
Hospitais .....	187 608	189 658	193 775	206 492	225 920	242 114
Urgências .....	423 607	432 357	419 259	416 912	430 316	428 215
Centros de Saúde ....	270 304	277 797	262 208	262 343	274 380	273 015
Hospitais .....	153 303	154 560	157 051	154 569	155 936	155 200

\* Inclui consultas no Centro de Oncologia.

Fonte: Direcção Regional de Saúde.

Nos serviços de internamento nas unidades de saúde registou-se o movimento de 29 305 doentes, que se traduziu em 211 922 dias de permanên-

cia. Com estes dados deduz-se uma estada média 7,0 dias por doente, integrando-se na evolução tendencial de decréscimo nos últimos anos e, em termos gerais, de redução de custos por elemento objecto de tratamento interno.

Estes dados correspondem a valores médios para todas as unidades do sistema de saúde regional, mas contêm dentro de si próprios diferenças significativas entre as estruturas dos hospitais e as dos centros de saúde, em que as estadas médias por doente foram, respectivamente, de 6,4 dias e 12,9 dias.

Em termos de utilização de recursos em internamento, a redução do número na lotação de camas das unidades de saúde permitiu uma certa eficiência, na medida em que a taxa de ocupação foi de 58,3% em 2009, enquanto no ano anterior fora de 57,6%.

#### Internamento

	2004	2005	2006	2007	2008	2009
Doentes .....	27 704	27 372	26 870	27 761	29 116	29 305
Dias de internamento ...	211 743	207 901	211 997	214 924	212 167	211 922
Lotação.....	972	988	989	989	1 009	996
Demora média (dias)....	7,7	7,6	7,9	7,7	7,3	7,2
Taxa de ocupação (%).	59,7	57,7	58,7	59,5	57,6	58,3

Fonte: Direcção Regional de Saúde.

Os meios complementares dos actos médicos nas unidades de saúde açorianas registaram 4,9 milhões de ocorrências em 2009.

Destas ocorrências, 3,5 milhões corresponderam a actos de diagnóstico e materializaram-se, grosso modo, nos diversos tipos de exames e análises clínicas.

Por sua vez, os actos de terapêutica corresponderam a 551 milhares de ocorrências como, por exemplo, tratamentos de fisioterapia, hemodiálise, gastroenterologia, electrocardiografia, que se desenvolvem sobretudo nos hospitais ou, então, nalguns centros de saúde com capacidade de internamento.

## Meios Complementares

	2004	2005	2006	2007	2008	2009
Diagnóstico ...	2 689 171	2 734 950	2 879 754	3 176 640	3 338 872	3 490 480
Terapêutica ..	364 377	424 525	461 800	467 199	523 626	551 416
Total .....	3 053 048	3 159 475	3 341 554	3 643 839	3 862 498	4 041 896

Fonte: Direcção Regional de Saúde.

Os profissionais no sistema de saúde regional representavam um volume de 4438 elementos em 2009.

Este total é menor do que o do ano anterior por redução em valências de certa especialização técnica, mas atingiu particularmente pessoal a desempenhar outras tarefas mais comuns ou indiferenciadas.

## Pessoal

	2004	2005	2006	2007	2008	2009
Médicos.....	465	506	510	514	491	495
Enfermeiros.....	1 036	1 095	1 212	1 256	1 336	1 311
Técnicos de diagnóstico e terapêutica.....	212	216	226	238	257	265
Outro pessoal .....	2 386	2 397	2 367	2 371	2 433	2 367
Total .....	4 099	4 214	4 315	4 379	4 517	4 438

Fonte: Direcção Regional de Saúde.

Observando a distribuição por ilhas dos dados vistos para o total do arquipélago até aqui, verifica-se maior dispersão nos actos mais representativos de medicina preventiva e/ou primeiro atendimento, como os casos de profilaxia, consultas e urgências. Já o internamento de doentes, meios de diagnóstico e terapêutica situam-se de forma proporcionalmente mais intensa nas ilhas onde se encontram instalações de unidades de saúde que desempenham valências mais abrangentes a nível regional.

## Distribuição por ilhas

	SMA	SMG	TER	GRA	SJO	PIC	FAI	FLO	COR	AÇORES
Profilaxia .....	1 340	42 877	13 251	791	2 157	4 082	4 341	988	146	69 973
Consultas e urgências .....	24 626	485 550	224 802	24 429	48 367	65 693	87 829	22 140	2 828	986 264
Doentes .....	790	15 281	7 554	331	872	682	3 567	228	0	29 305
Lotação .....	20	515	227	16	53	40	106	17	2	996
Meios Complementares .....	77 747	2 220 128	850 017	84 869	152 458	208 194	370 877	77 523	83	4 041 896
Pessoal .....	75	2 218	1 169	51	120	168	585	48	4	4 438

Fonte: Direcção Regional de Saúde.



## 16. SEGURANÇA SOCIAL

Em 2009, a Segurança Social abrangia 48 411 pensionistas, registando um crescimento de 0,5% em relação ao ano anterior.

Esta evolução incorpora crescimentos nas duas componentes mais significativas: a de pensões em vida por velhice como substituição de retribuição do trabalho e a pensão de sobrevivência.

A terceira componente, a de pensões por invalidez, contribuiu para o abrandamento do crescimento geral, já que registou uma taxa média de variação anual negativa, integrando-se numa trajectória de maior contenção que se vem evidenciando nos últimos anos, mais concretamente a partir de 2006.

### Pensionistas da Segurança Social

	Pensionistas (Total)	Pensionistas por		
		Velhice	Invalidez	Sobrevivência
2003	47 531	24 539	8 777	14 215
2004	48 372	24 722	9 228	14 422
2005	48 593	24 900	9 077	14 616
2006	51 137	26 294	9 208	15 635
2007	47 937	24 387	8 807	14 743
2008	48 155	24 534	8 783	14 838
2009	48 411	24 747	8 703	14 957

Fonte: C.G.F.S.S.

O total das receitas de 208,8 milhões de euros manteve-se ao nível do valor nominal do ano anterior.

Esta evolução é uma resultante do crescimento de 0,7% da rubrica de contribuições com os decréscimos nas fontes de financiamento menos representativas, na rubrica rendimentos (-23,7%) e na rubrica residual de "outras" (-2,5%).

## Receitas e Despesas Correntes

1 000 Euros

	2007	2008	2009
Receitas.....	197 876	208 750	208 828
Contribuições.....	189 390	199 653	200 956
Rendimentos.....	3 620	4 707	3 593
Outras.....	4 866	4 390	4 279
Despesas.....	150 793	160 384	176 180
Prestações dos regimes*.....	72 994	78 886	99 289
Acção Social.....	41 221	44 743	47 602
Administração e outras.....	36 578	36 755	29 289
Saldo (Receitas – Desp.).....	47 083	48 366	32 648
Saldo (Contrib. –Prestaç.).....	116 396	120 767	101 667

\* Conforme nova Lei de Bases.

Fonte: CGFSS.

A evolução das despesas de prestações dos regimes foi influenciada de forma expressiva pelas componentes - Regime Geral, Protecção Familiar e Rendimento Social de Inserção. Todavia, foi na rubrica destinada a Subsídio Social de Desemprego que se atingiu o elevado crescimento de 48,1% em relação ao ano anterior. O complemento para aquisição de medicamentos pelos idosos, COMPAMID,

## Despesas – Prestações dos Regimes

1 000 Euros

	2007	2008	2009
Rendimento Social de Inserção.....	17 478	16 966	19 755
Subsídio Social de Desemprego/provisório/majoração.....	4 055	4 488	6 645
COMPAMID *.....			1 863
Regime Não Contributivo.....	821	922	1 333
Regime Transitório dos Rurais.....	2	1	1
Regime Especial de Seg. Social das Acti. Agrícolas.....	1 464	1 377	1 337
Subsídio Social na Maternidade.....	0	231	1 243
Protecção Familiar.....	20 938	26 324	32 641
Prestações Sociais.....	1 812	1 781	1 611
Repartição - Regime Geral.....	26 423	26 702	32 822
Políticas Activas de Emprego e Formação Profissional.....	0	93	38
TOTAL.....	72 994	78 886	99 289

\* Complemento para aquisição de medicamentos pelos idosos (DLR n°4/2008/A, de 26 de Fevereiro).

Fonte: CGFSS.

registou pela primeira vez uma despesa de execução de 1,86 milhões de euros.

As despesas de acção social para prevenir situações de maior carência e apoiar pessoas e grupos sociais mais vulneráveis registaram o montante de 47,6 milhões de euros, sendo a componente mais representativa orientada para a Infância e Juventude.

Todavia, entre as diversas rubricas de acção social, assinala-se que as despesas com Família e Comunidade registaram um forte crescimento (10,7%), enquanto as destinadas a Terceira Idade decresceram, mesmo em termos nominais.

### Despesas – Acção Social

1 000 Euros

	2007	2008	2009
Infância e Juventude.....	20 840	22 940	24 789
Família e Comunidade.....	6 267	7 234	8 011
Invalidez e Reabilitação.....	3 716	3 720	4 048
Terceira Idade.....	10 398	10 849	10 754
Total.....	41 221	44 743	47 602

Fonte: CGFSS.





## 17. SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO

### *Comunicações electrónicas*

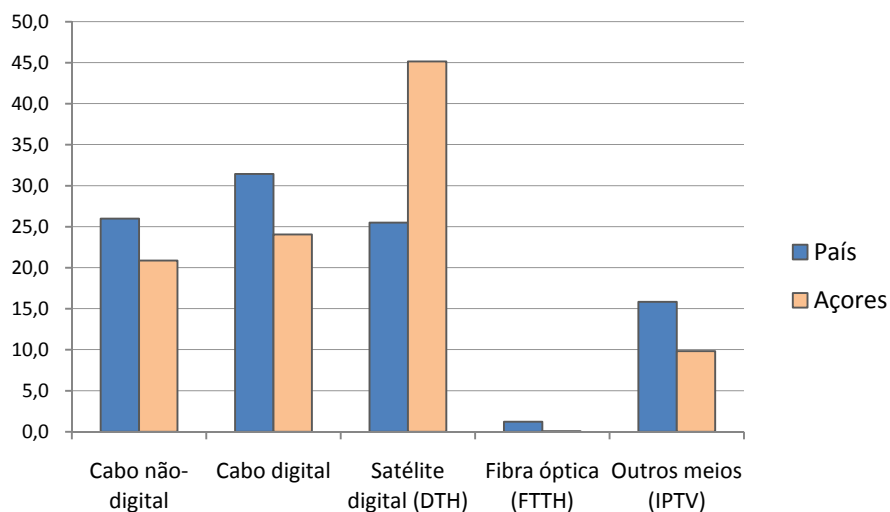
Processos de infra-estruturação e de difusão de tecnologias em comunicações electrónicas concretizam-se em investimentos nas redes de serviços telefónicos e de distribuição de sinal de televisão.

A evolução nestes segmentos com novas tecnologias situa-se em níveis de expansão de actividade, registando taxas de crescimento superiores às da evolução média das actividades económicas em geral.

As redes com tecnologia digital já ocupam a quota mais representativa nas distribuições dos sinais de televisão nos Açores.

Este fenómeno integra-se numa tendência geral daquele segmento de mercado digital, todavia revela preferência pela distribuição por via satélite, em alternativa à distribuição por cabo.

**Distribuição do Sinal de Televisão**  
(percentagem de assinantes)



*População e as TICs (agregados domésticos e utilizadores individuais)*

Em termos de posse de computadores e de ligações à Internet pelos agregados domésticos, os dados para o ano de 2009 mostram alargamentos significativos nos graus de cobertura das respectivas tecnologias.

Naquele ano, os 56% de agregados que possuíam computador e os 47% que dispunham de ligação à internet representam acréscimos no grau de cobertura em relação ao ano anterior de 4% e de 6%, respectivamente, correspondendo a variações anuais mais intensas do que em anos anteriores, particularmente na ligação à Internet.

**Posse de Computador e Ligação à Internet pelos Agregados Domésticos – evolução na R.A.A.**

Unidade: %

	2004	2005	2006	2007	2008	2009
Posse de computador.....	35,8	41,0	45,0	50,0	52,0	56,0
Ligação à Internet .....	31,3	37,4	38,0	40,0	41,0	47,0

Fonte: UMIC – Agência para a Sociedade do Conhecimento.

Aparentemente esta evolução insere-se na dinâmica do conjunto do país, com diferenças mínimas de variação de crescimento entre as diversas regiões e que se têm compensado em termos de crescimento a médio prazo.

Tomando níveis de cobertura média nos países da EU como referência, verifica-se uma margem para crescer ainda expressiva, já que nesses países a utilização de tecnologias idênticas não atingiram níveis de saturação.

**Posse de Computador e Ligação à Internet pelos Agregados Domésticos, 2009**

Unidade: %

	Açores	Portugal	UE, 27
Posse de computador.....	56	56	71
Ligação à Internet .....	47	48	65

Fonte: UMIC – Agência para a Sociedade do Conhecimento.

Considerando a utilizao individualizada, constata-se que 43% das pessoas utilizaram o computador e 37% acederam à Internet.

Em termos gerais, as principais formas de utilizao segundo diversas tipologias (etárias, profissionais, motivacionais, etc.) terão mantido, as características já observadas em anos anteriores. Maioritariamente serão os grupos etários mais jovens a utilizar estas tecnologias. A utilizao de computador e da Internet variará na razão directa do nível de instruo. Serão os estudantes e os empregados, os grupos mais utilizadores do computador e da Internet. As competências adquiridas ao nível da utilizao de computador e de Internet serão, maioritariamente, devidas a processos de auto – aprendizagem. A comunicao e pesquisa de informao serão as actividades mais frequentes no uso da Internet. Quanto a encomendar e/ou comprar produtos e serviços, a maioria dos utilizadores, permanecerá pouco receptiva a esta modalidade alternativa ao comércio tradicional.

#### Utilizao de Computador e de Internet pelos Indivíduos – evoluo R.A.A.

Unidade: %

	2004	2005	2006	2007	2008	2009
Utilizao de Computador.....	31,1	33,4	35,0	37,0	40,0	43,0
Utilizao de Internet .....	22,5	26,3	28,0	30,0	35,0	37,0

Fonte: UMIC – Agência para a Sociedade do Conhecimento.

Analisando os níveis de utilizao de computador e de Internet e comparando-os aos valores médios nos contextos de Portugal e da União Europeia, verifica-se um certo paralelismo aos aspectos assinalados anteriormente, ou seja: a evoluo que se vem verificando é reveladora de uma fase de difusão ou expansão com margem de crescimento significativa para se aproximar de patamares a nível da UE27. O intervalo de diferença é mais evidente na ligao à Internet.

#### Utilizao de Computador e de Internet pelos Indivíduos, 2009

Unidade: %

	Açores	Portugal	EU 27
Utilizao de computador .....	43	51	68
Utilizao de Internet.....	37	46	65

Fonte: UMIC – Agência para a Sociedade do Conhecimento.

### *Empresas e Organizações*

Entre os dados de empresas e organizações em geral (onde se inclui as de ensino) encontram-se presentemente desagregados territorialmente os relativos a organismos hospitalares.

O inquérito é de periodicidade bienal sendo disponibilizados os principais resultados pelo INE. Em relação aos Açores e aos quadros apresentados abaixo, os dados apontam no sentido da manutenção do padrão já existente.

Assim, os organismos hospitalares açorianos dispõem de equipamentos informáticos e de ligações à internet praticamente generalizados, encontrando-se a sua presença numa fase significativa de progressão.

#### **Utilização de Computador e de Internet pelos Organismos hospitalares, evolução RAA**

	2004	2006	2008
Computador.....	100	100	100
Ligação internet.....	100	100	100
Internet em banda larga.....	100	88	88
Presença na internet.....	50	63	75

Fonte: UMIC – Agência para a Sociedade do Conhecimento.

Estes indicadores encontram-se em níveis comparáveis aos registados em termos nacionais. A maior diferença é observada na ligação em banda larga.

#### **Utilização de Computador e de Internet pelos Organismos hospitalares, 2008**

	Açores	Pais
Computador.....	100	100
Ligação internet.....	100	97
Internet em banda larga.....	88	95
Presença na internet.....	75	73

Fonte: UMIC – Agência para a Sociedade do Conhecimento.

### Administrações Públicas

Depois de generalizado o acesso à Internet na Administração Pública Regional, são aspectos da respectiva utilização que prosseguem a difusão de técnicas e de apropriação de métodos no sentido de mudanças organizacionais.

A política de acesso à internet de todos os trabalhadores atinge uma abrangência na casa de 90%.

Outras operações diversas registam práticas a níveis mais restritos, como o exemplo de encomendas de bens e serviços que se situam na ordem de 20% em 2009.

#### Evolução de Indicadores (Internet) nos organismos da RAA

Unidade: %

	2005	2006	2007	2008	2009
Ligação à Internet .....	100	100	100	100	100
Velocidade de ligação à Internet superior a 512 Kbps.....	46	55	78	78	76
Política de acesso à Internet a todos os trabalhadores .....	80	88	95	85	92
Organismos com presença na Internet .....	77	90	93	93	92
Organismos que realizam encomendas.....	21	15	10	20	29

Fonte: UMIC – Agência para a Sociedade do Conhecimento.

O exemplo das encomendas de bens e serviços também regista utilizações reduzidas nos organismos dos outros níveis de administração.

A disponibilidade de meios (velocidade e presença) regista índices significativos na Administração Local, a acessibilidade a todos os trabalhadores é mais frequente nas administrações central e local.

#### Indicadores (Internet) nas Administrações Públicas, em 2009

Unidade: %

	Central	RAA	Local
Ligação à Internet .....	100	100	100
Velocidade de ligação à Internet superior a 512 Kbps.....	94	76	98
Política de acesso à Internet a todos os trabalhadores .....	86	92	70
Organismos com presença na Internet .....	94	92	99
Organismos que realizam encomendas através da Internet....	52	29	36

Fonte: UMIC – Agência para a Sociedade do Conhecimento.